

O Imperador do Sertão

Theodorico Bezerra, figura excêntrica potiguar que inspirou documentários e livros

Ginga com tapioca

O prato típico da capital potiguar

O cavalheiro dos cavaleiros

ELE É PURA IRRADIAÇÃO DE ENERGIA. SUCESSO É PALAVRA CORRIQUEIRA NOS NEGÓCIOS. TRABALHO, IDEM. O HOMEM QUE FAZ O FORRÓ ACONTECER PASSA POR ESTÁDIOS DE FUTEBOL NÃO APENAS NO COMANDO DE UM TIME DE GIGANTE TORCIDA, MAS TAMBÉM PARA LOTAR DE FÃS EM BUSCA DE SHOWS INCRÍVEIS. VAMOS SABER QUEM É ESSE CARA!



Extremoz

História e ruínas desse lugar sob a ótica-imortal de Ivan Lira



Solar Bela Vista

O palacete do rico Coronel Aureliano Medeiros construído para marcar época



**A Máquina
de Cartões
que é sua
parceira
de negócios.**

Imagem meramente ilustrativa



A nossa **máquina de cartões** leva agilidade e comodidade para todos os tipos de empresas, com soluções ideais para MEI, pessoas jurídicas e também pessoas físicas. Quem paga, ganha em rapidez e em segurança. Quem recebe, conta com mais controle e organização.

Veja algumas das vantagens que você terá ao credenciar a nossa máquina para o seu negócio:

- Aceita as principais bandeiras de crédito e débito, além de voucher.
- Sem taxa surpresa
- Receba suas vendas em até 2 dias
- App Máquina de Cartões do Sicredi
- Suporte e atendimento on-line e por telefone, além de atendimento personalizado na sua agência.

A **máquina de cartões Sicredi** vem com todas as soluções financeiras que você precisa e tudo para um atendimento comprometido com o sucesso da sua empresa. Fale com um dos nossos gerentes e peça a sua!



SAC Sicredi: 0800 724 7720

Deficientes auditivos ou de Fala: 8000 724 0525

Ouvidoria Sicredi: 0800 646 2519

www.sicredi.com.br

Midas

e boas histórias

Sempre tive vontade de entrevistar Alex Sandro Ferreira de Melo. Certamente que o nome não é de imediato familiar a leitores. Mas vários e vários lembrarão logo se o nome for Alex Padang. A mesma pessoa, pois bem. Sempre tive vontade de entrevistar Alex Padang. Para saber mais sobre a sua instigante vida de determinação, superação e sucesso. Inclusive de onde surgiu o nome Padang, o que ele conta no recheio da revista.

Trata-se do criador de um dos grandes sucessos que até hoje, em 19 anos, faz ecoar na lembrança das mais diversas idades, com um nome nada, digamos assim, convencional: Se Réi Pra Lá! Quem brincou o Carnatal nos tempos do bloco Jerimum, então. Afe, tempo bom demais. Voltando ao nome, de tão disforme aos padrões, não apareceu quem quisesse compor uma música com essa frase. Sem problema, Padang ousou a escrever. Bingo. Sucesso estrondoso, principalmente na voz do baiano Durval Lelys, líder da banda Asa de Águia. Essa história de vida passa pelo insucesso no pleito por uma cadeira de deputado estadual. E pelas glórias do comando do tradicional América Futebol Clube. De como começou sua vida empresarial, com o divertido e curioso aluguel de um Atari. Genial!

E esta edição tem a honra de contar com a colaboração de um paraibano de Cuité que está entre os mais cultos destas terras de potis-estudiosos: Ivan Lira de Carvalho. Nada menos que membro do Conselho Estadual de Cultura e do Instituto Histórico e Geográfico do RN. Professor da UFRN e Juiz Federal. Que texto delicioso! Chega dá vontade de continuar quando termina. E de correr para visitar cada lugar por ele detalhado. Conta a história de Extrermoz, que foi a “primeira vila do Rio Grande do Norte, fundada em 1760 por Bernardo Coelho Gama Casco, por ordem do Rei Dom José, de Portugal”, descreve. Além da interessante história, um texto que foge das prolixidades intelectuais e prima por contextos tão nossos de cada dia, edulcorado com expressões tão raízes como regra nosso majestoso vernáculo nordestinês. Uma Maravilha!

E deleite-se também com o resgate de ótimas histórias publicadas em edições anteriores, como parte da compilação que estamos fazendo nestes tempos de pandemia, aproveitando as matérias e festas mais solicitadas por leitores.

Jogue-se nessa colmeia de boa leitura!
Eliana Lima



PUBLICAÇÃO:

JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE

ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS

www.portaldaabelhinha.com.br
 @revistabzzz

 Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,

CRÍTICAS E ELOGIOS

revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA

ELIANA LIMA

elianalima@portaldaabelhinha.com.br

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO

TERCEIRIZE EDITORA

www.terceirize.com

COMERCIAL

EDILÚCIA DANTAS

(84) 99109 9678

CAPA

SANDRO MENEZES

App Meu NatalCard

Além da Carteira de Estudante, agora disponível também para os cartões Passe Fácil e Profissional.



Meu NatalCard

O que já era bom ficou melhor: usuários dos cartões Passe Fácil e Profissional podem acessar serviços como recargas de créditos e consultas de saldos pelo App Meu NatalCard.

E tudo isso sem sair de casa: consulte saldos e recarregue o seu cartão pelo celular; pague com boleto ou cartão de crédito.

**BAIXE JÁ O APP
MEU NATALCARD
E APROVEITE!**



RECARGA DE
PASSAGENS



CONSULTAS DE SALDOS E
HISTÓRICOS DE RECARGAS

Saiba mais: natalcard.com.br   NatalCard  (84) 3026-8450

NatalCard
Tecnologia em nosso caminho

REPORTAGEM HISTÓRIA
MATA DE COQUE

Chega de SAUDADE

Fotografias antigas de Natal ganham a internet e transformam a rede num repositório virtual online
Por Octávia Santiago

10

ESPECIAL CULTURA
MUSICA PROLOGICO

O IMPERADOR DO SERTÃO

De seu amigo de Getúlio Vargas, tema de Globo Repórter, inspirou documentários e livros, influente publico brasileiro, o português Theodorico Balthazar destaca de tudo, simplicidade e poder, com as características que um carnaval de época gosta
Por Juliana Amaral

44

REPORTAGEM CULTURA
COMIDA

GINGA COM TAPIOCA O PRATO TÍPICO DE NATAL

Combinação delicada criada por pescadores que aproveitavam os peixes mortos por causa da rede de arrasto que não serviam para comercialização
Por Flávia Costa
Foto: Francisco José de Oliveira

11 Quando Filipe de Brito, para de pescar no mar, ele se dedica a fazer ginga com tapioca, um prato tradicional de Natal. É um prato que nasceu no sertão e chegou ao litoral por meio de pescadores que aproveitavam os peixes mortos por causa da rede de arrasto que não serviam para comercialização.

64

REPORTAGEM HISTÓRIA
CIVILIZAÇÃO

Belo Solar, BELA VISTA

A história do mais comercial e sofisticado empreendimento imobiliário do Brasil, o Belo Solar, em Belo Horizonte, revela a história de uma cidade que se tornou um dos mais sofisticados e modernos do Brasil.
Por Thiago Carabini
Foto: André Pires e Mariana de Souza

16

REPORTAGEM CIDADANIA
NATAL

SEM HABITE-SE

Proprietários e construtores enfrentam crises e até anos de espera para conseguir liberação do documento essencial à ocupação de imóveis. Em Natal, alguns prédios públicos nunca tiveram Habite-se, como o Palácio Felipe Camarão e o Hospital Walther Gurgel
Por Marina Boffino
Foto: André Pires e Mariana de Souza

52

ESPECIAL ARQUITETURA
CULTURA

ARTE DA TERRA

Peças de artistas natals misturam elementos modernos e sofisticam decorações
Por Mariana Boffino
Foto: Mariana Boffino

68

REPORTAGEM RELIGIÃO
CIVILIZAÇÃO

MIRAÇÕES DAIMISTAS de uma doutrina híbrida

As simulações em alto perigo que buscam a construção social em "ilhas isoladas" produzidas pelo Sinto Daimé
Por Cláudio Viana

24

REPORTAGEM POLÍCIA
MISERICÓRDIA

Assassinatos em nome de RAMBO

Aficionado pelas filmes de Rambo o por-fortuito detido do simpático, sem ao menos planejar e executar o bandido que chegou a país em 1997
Por Mariana Boffino

58



8 | AS LISBOETAS

74 | ARTIGO

O paraíso é aqui!

A 28 quilômetros de Natal, à beira-mar da praia de Camurupim, conhecida pelas suas piscinas naturais, fica o Colmeia Chalés, perfeito para momentos de lazer e relax.

São chalés para seis e quatro pessoas, totalmente equipados para se sentir em casa, inclusive área de serviço e quintal.

Para o lazer, piscina, churrasqueiras, salão de jogos, redário, pranchas de surfe com remo. Oferece estacionamento privativo coberto e a água totalmente filtrada.



Praia de Camurupim - Nisia Floresta / RN

(84) 99962-3991

www.colmeiachales.com.br



ELIANA LIMA

elianalima@portaldabelhinha.com.br

DE PARAÍSO

Os portugueses gostam por demais das dicas em solo lusitano que coloco aqui, para que brasileiros aproveitem riquezas de história e naturais que o país abunda, muitas ainda desconhecidas por muitos.

E solicitam que também informe sobre locais dos chamados imperdíveis do Brasil. Claro, com toque especial das maravilhas do meu Rio Grande do Norte.

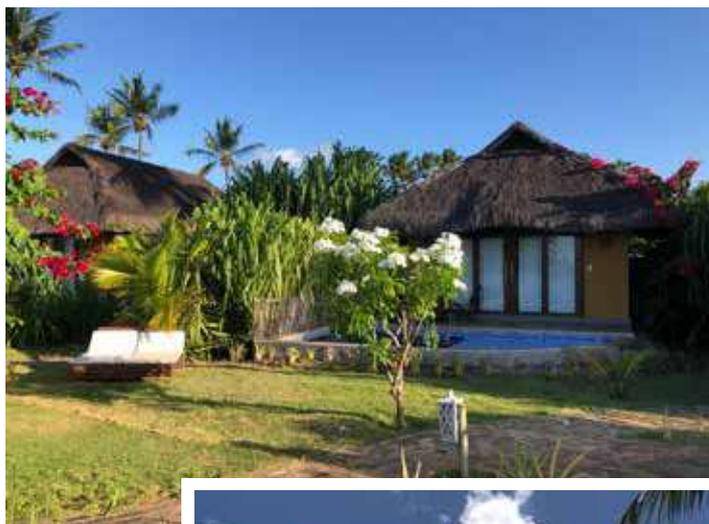
Para esta edição escolhi um dos lugares que muito me encantam: Pousada Spa dos Amores, na bela Praia de São José de Touros, que fica coladinha a outro lugar incrível: São Miguel do Gostoso.

É lá onde me deleito quando vou aproveitar as delícias (naturais e gastronômicas) do litoral norte potiguar.

Não bastasse o espaço lindíssimo, como muito verde e de frente para o mar, oferece confortáveis chalés e bangalôs, esses com piscina privativa, cada. A piscina comum tem uma parte de vidro que motiva todo o charme de poses de peixe. Ou melhor, de sereia (hehehehee).

O restaurante é outro detalhe prazeroso, da decoração aos pratos. Sem falar no atendimento, por uma bem treinada e gentil equipe de funcionários.

Afe, gosto por demais!



Pousada Spa dos Amores, próximo à São Miguel do Gostoso-RN



D'ALÉMAR

E vamos a Lisboa, a maravilhosa capital portuguesa. E com dica de dois vinhos muito bons, preço razoável, ainda desconhecidos de alguns apreciadores. São vinhos que em Lisboa encontrei apenas no charmoso piso 7 do El Corte Inglés, com o seu espaço Gourmet Experience.

Vinhos que me foram apresentados pelo casal-amigo Silvana e José Bezerra Júnior-Ximbica: os vinhos Crochet e Tricot, idealizados pelo desafio das amigas e enólogas Susana Esteban e Sandra Tavares da Silva, com produções nos dois locais de maior relevância para os vinhos portugueses: Douro e Alentejo.

O Crochet é produzido no Douro, com duas castas lusitanas: 60% Touriga Franca e 40% Touriga Nacional. Sensacional. O alentejano Tricot é feito com mistura igual de Touriga Nacional e vinhas velhas da Serra de São Mamede, com várias castas tradicionais. Espetacular.

Então, aproveite o espaço gourmet do El Corte Inglés, onde você pode escolher direto no empório o que saborear para acompanhar, ou na parte de enchidos. Perfeição!



BOA VISITA

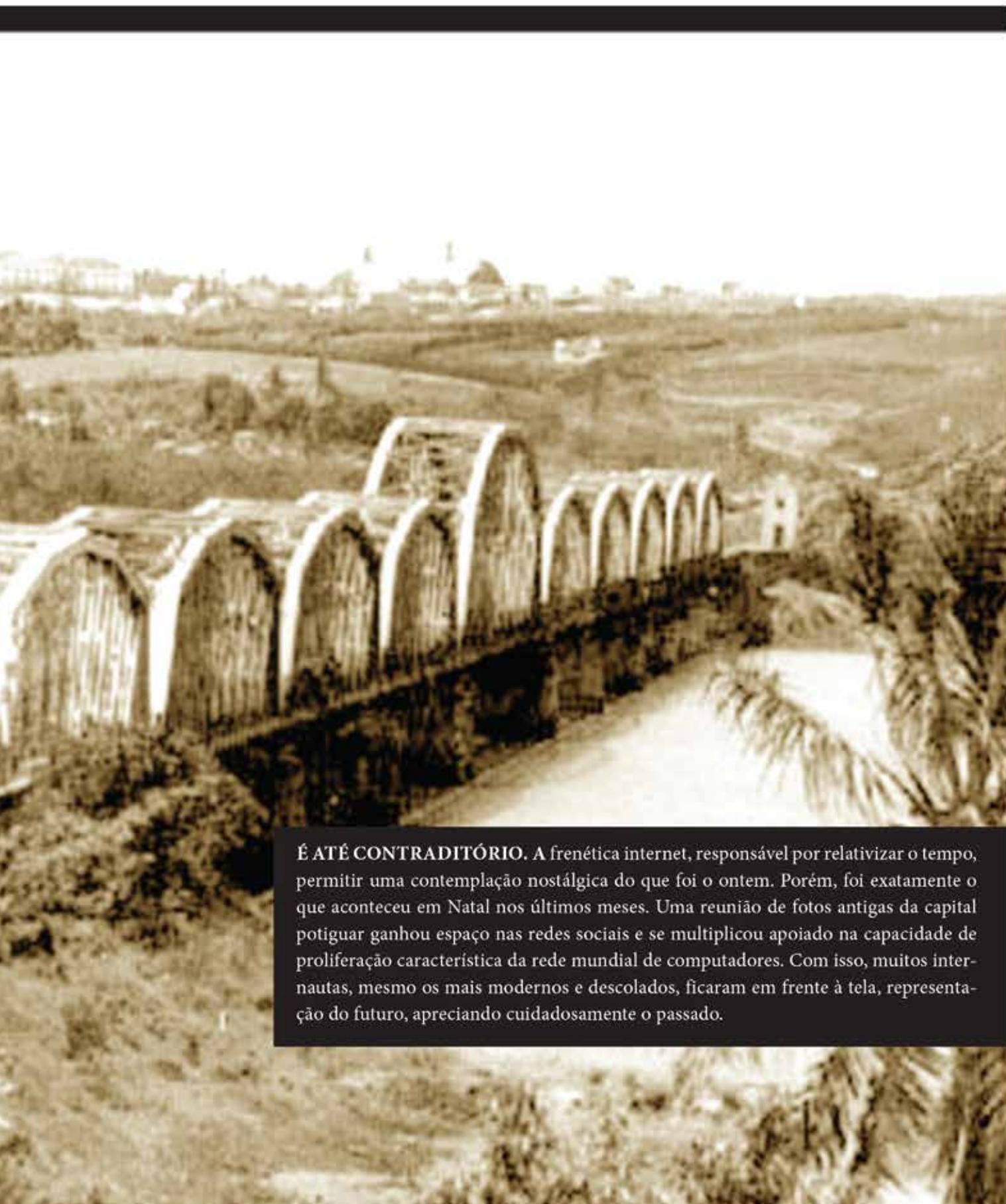
Saindo de Lisboa, mas próximo, vá até o Ribatejo, província histórica portuguesa. Passe pela aldeia de Azinhaga, em Golegã, onde nasceu José Saramago, em 16 de novembro de 1922. Vale àquela pose com o Nobel de Literatura.

Em Golegã, visite a bela Casa-Estúdio – única no seu gênero a nível mundial –, construída pelo abastado ribatejano Carlos Relvas, nos jardins da sua casa, entre 1871 e 1875. Exímio cavaleiro e toureiro amador, apaixonou-se pela fotografia. Daí o presente que deu à cidade, hoje museu. Trata-se de um prédio de decoração romântica, rodeado de amplo e bonito jardim. Suas paredes de vidro impressionam. Quando eu fui estava em reforma. Voltarei.

Chega de **SAUDADE**

Fotografias antigas de Natal ganham a internet e transformam a rede num verdadeiro museu online

Por Octávio Santiago



É ATÉ CONTRADITÓRIO. A frenética internet, responsável por relativizar o tempo, permitir uma contemplação nostálgica do que foi o ontem. Porém, foi exatamente o que aconteceu em Natal nos últimos meses. Uma reunião de fotos antigas da capital potiguar ganhou espaço nas redes sociais e se multiplicou apoiado na capacidade de proliferação característica da rede mundial de computadores. Com isso, muitos internautas, mesmo os mais modernos e descolados, ficaram em frente à tela, representação do futuro, apreciando cuidadosamente o passado.



A Natal da Segunda Guerra



Soldados em confraternização no Grande Hotel

O material é resultado de um trabalho elogiável do escritor e pesquisador natalense Rostand Medeiros, autor de livros como “Eu não sou herói – A história de Emil Petr” e “Os Cavaleiros dos Céus: A Saga do Voo Ferrarin e Del Prete”. Ele resolveu dedicar horas à procura por imagens que visitassem páginas anteriores da cidade, incluindo as da Natal da Segunda Guerra Mundial e as da Ponta Negra praia de veraneio. “A maioria das pessoas desconhece a história da cidade, por isso a postagem foi feita, para democratizar a informação, antes que seja tarde”, explicou Rostand. O trabalho que culminou na publicação no

blog Tok de História reuniu 401 ricas imagens.

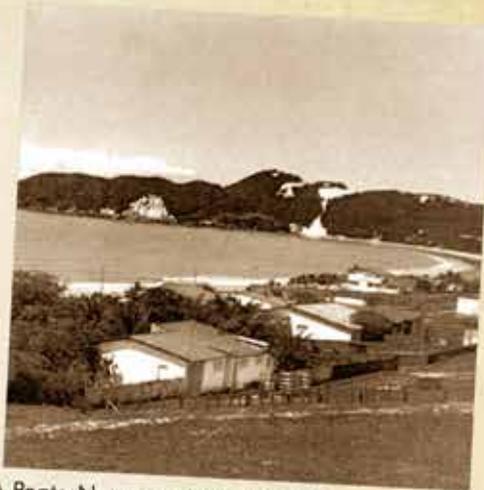
Rostand lembra que a ideia de fazer o post surgiu quando ele visitou uma pessoa próxima acometida pelo Mal de Alzheimer. Em dado momento da visita, diante da letargia da senhora visitada, o pesquisador decidiu abrir o seu tablet e mostrar parte das fotografias. Ao visualizar as paisagens de outrora, ela reagiu de imediato. “Não houve comunicação entre nós devido ao estado dela, mas ela ficou rindo e apontando para algumas imagens, principalmente as do centro da cidade, onde a família dela morou. Foi emocionante!”, revive ele.



Desfile militar pela Avenida Duque de Caxias



Navios aliados atracados no porto



A Ponta Negra praia de veraneio



O início da urbanização em Ponta Negra



A moda praia nos dias de domingo



O charme do Hotel Reis Magos



A praia de Areia Preta praticamente deserta

Construção do acesso ao Forte dos Reis Magos



A Ponta do Morcego em seus primeiros capítulos



Genipabu e seu bucólico coqueiral



Lagoa Manuel Felipe quando tinha vida



Praias urbanas nem tão urbanas assim



O tráfego brando na Avenida Rio Branco



O Alecrim ainda silencioso



A Avenida Deodoro da Fonseca
ainda pouco movimentada



A Ribeira- onde tudo acontecia



Os cartazes na fachada do Teatro Alberto Maranhão



O movimento na Avenida Café Filho

Depois do episódio, enquanto estudava história com a sua filha, Rostand recorreu novamente às fotografias para despertar o interesse dela pelo assunto. Não havia mais dúvidas, a postagem tinha que ser feita. Compartilhado em redes sociais como o Facebook, o museu online ganhou grande visitação. Os mais experientes ficaram saudosos, acarinhados por suas lembranças. Já os mais novos foram formigados por uma curiosidade inquieta sobre as paisagens de uma Natal serena, mas a mesma Natal de hoje.

Muitas fotos são oriundas dos livros do professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) João Mauricio Fernandes de Miranda. Algumas são dos fotógrafos Esdras Nobre, Jaeci Galvão e do filho deste, Fred Galvão. Do mestre Luiz G. M. Bezerra e de Ricardo Sávio Trigueiro de Moraes. Outras foram colocadas na internet pelo produtor cultural Dunga. Há também imagens do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e de livros editados pelo Governo do Estado e pela Prefeitura de Natal. Todavia, a maioria dos registros está na rede há anos, porém, sem a referência dos respectivos autores.

Fotos de uma Ribeira viva, de um Hotel Reis Magos em pleno funcionamento e de um Estádio Juvenal Lamartine com jogos acalorados. De praias urbanas tomadas por bucólicos coqueirais, de ruas bastante arborizadas. De vias de pedra, de bondes. De trens chegando e de barcos partindo. O material, digitalizado, livrou-se do mofo, das gavetas, e ganhou vida na internet. Agora, provoca saudades de um tempo longínquo, até em quem não o viveu. Uma falta da Natal dos retratos, da Natal poética. Uma Natal que consegue ter muitas cores mesmo registrada em preto e branco.



Chegada dos trens vindos do interior na antiga estação



Roosevelt e Vargas para a posteridade



O moderno e respeitado Atheneu



A Natal horizontal

Belo Solar, BELA VISTA

A história do rico coronel e o palacete que construiu para marcar a época de grandes salões na cidade banhada pelo Rio Potengi

Por Thiago Cavalcanti

Fotos: João Neto e arquivos da família

O NOME FAZ JUS a um dos belos cartões postais de Natal, capital do Rio Grande do Norte: Solar Bela Vista. Foi berço da aristocracia potiguar, tornou-se hotel de luxo nas décadas de 50 e 60, abrigou cortiço e hoje é um dos mais importantes centros culturais do Estado.

Antes de virar Solar Bela Vista, o palacete da Avenida Junqueira Aires foi residência do Coronel Aureliano Medeiros, um paraibano que se estabeleceu na cidade de Macaíba, que fica a 14 km da capital, e enriqueceu no ramo do algodão.





Pátio interno do palacete

Mudou-se para Natal no início do século 20, quando a cidade era um pequeno arraial, com fortes conotações portuguesas, e não chegava a ter 30 mil habitantes. O coronel e sua família foram morar numa residência onde hoje funciona a Ordem dos Advogados do Brasil, a OAB (milagrosamente conservada). Na mesma avenida, vislumbrou outra residência, hoje o solar João Galvão (neto do coronel), onde fixou moradia, anexo a um grande terreno. No local, ele ergueu a casa grande e luxuosa, em estilo neoclássico, que testemunhou a ascensão política, social

e econômica das terras de Poti.

O pequeno palácio começou a ser construído em 1907, diante do belo cenário do Rio Potengi. O coronel não poupou luxo ao imóvel que viria a ser um marco na arquitetura da cidade. As modernas invenções da revolução industrial foram aplicadas na concepção. Importou todo o material da Europa: vidros e vitrais da Bélgica, ferragens da Alemanha, tapetes, adornos e mobiliários de Portugal e da França. Lustres de bronze e cristal direto da Tchecoslováquia. A residência foi concebida em pouco tempo. Tornou-se uma espécie de “Taj Mahal”.

Fincado no centro do terreno, o palacete teve suntuosos jardins circundados, árvores frondosas, corrimãos externos rendilhados feitos em bronze, quatro estátuas de mármore de Carrara, que representavam os presidentes da República (para exaltar a vocação política do coronel). Na parte interna da residência, a madeira foi usada largamente, para o piso e o forro. Os detalhes da obra chamam atenção até hoje, com o requinte de janelões largos e aristocráticos, uma abertura no frontal em forma de estrela, além do arco ogival nas portas e janelas que remete ao estilo gótico.



Os irmãos Oswaldo e João Batista estudaram na Suíça



A viúva saiu do palácio deixando recordações do tempo do poder

A residência nº 417 foi entregue à família. Para lá, o coronel se mudou com a esposa Dona Rosa Teixeira e seus dez filhos. Sendo os dois filhos mais velhos, Pedro e Manoel Medeiros, do primeiro matrimônio do patriarca, que enviuvou precocemente. O clã finalmente pôde desfrutar daquele palacete, que tinha capela particular, com missas eram celebradas todos os domingos. O endereço virou clube social, onde as famílias mais abastadas se encontravam, os homens discutiam política e as mulheres as prendas domésticas. A joia arquitetônica do bairro da Ribeira abria os caminhos do progresso social. A outrora Natal já tinha bailes, gelo e vestia casaca. Esse palacete abrigou as grandes festas e recepções da emergente sociedade natalense do começo do século.

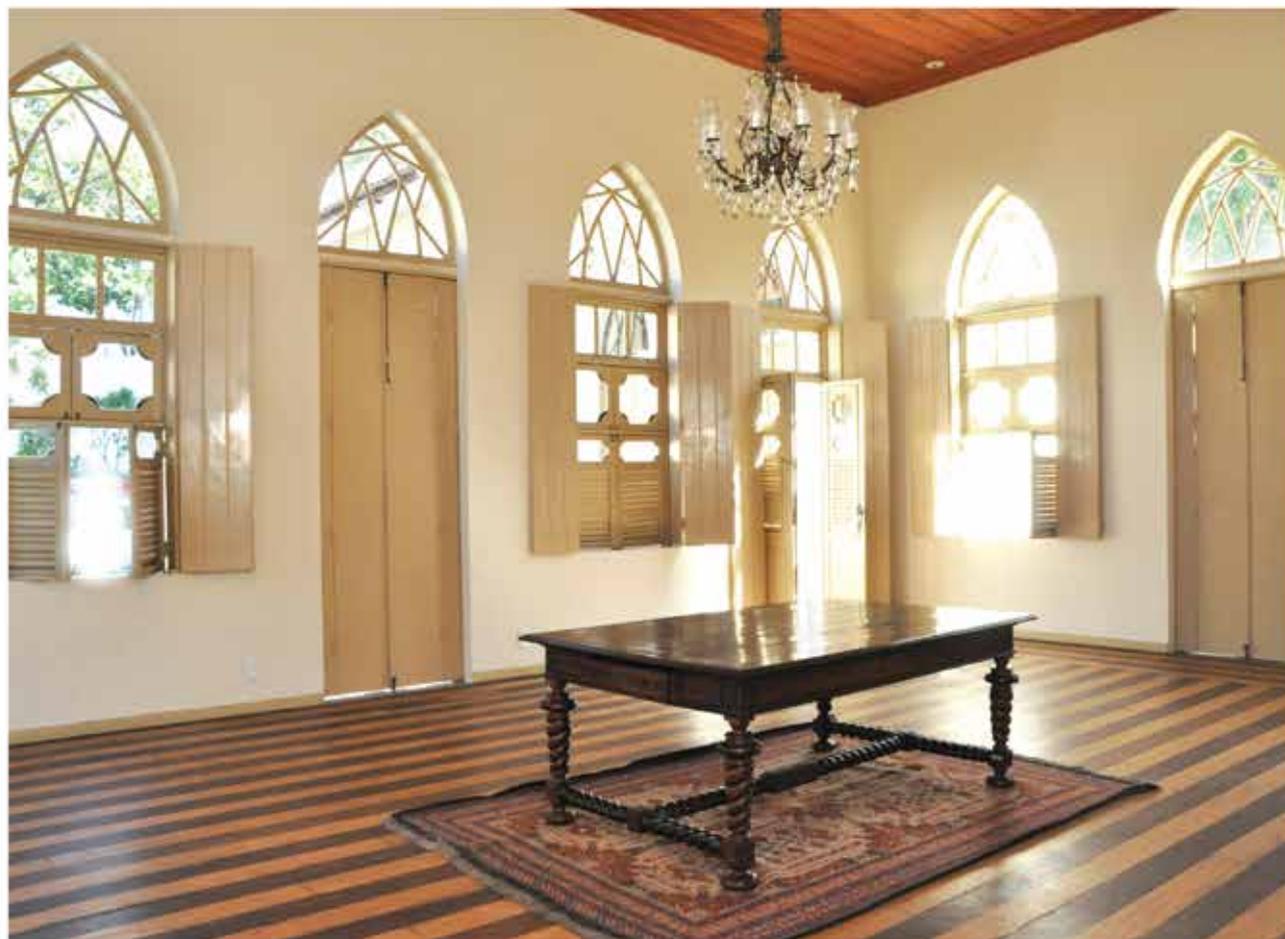
No bairro da Ribeira se concentravam as famílias bem-nascidas da cidade. Tinha uma loja, chamada Paris em Natal,

que vendia artigos finos vindos do velho mundo: perfumes, sapatos, sedas, chapéus... Era o progresso chegando às ruas da provinciana capital. Aureliano Medeiros era considerado um Midas, na arte de prosperar seus negócios. O arraial potiguar pedia a benção ao próspero comerciante que trouxe o caminho das índias para clientes abastados.

No longínquo 9 de dezembro de 1933, os sinos da igreja matriz tocavam as trindades fúnebres, anunciando o falecimento do Coronel Aureliano Medeiros. A cidade se vestia de luto. O velório aconteceu nos salões do palacete, de onde o cortejo seguiu para o cemitério do Alecrim, lugar que se encontra o túmulo da família.



O clã reunido no pátio do palacete nas bodas de ouro do casal



Mesa de apresentação em jacarandá com estilo manuelino, que veio de Portugal

E o palacete ficou para trás

Após a morte do patriarca, a viúva Dona Rosa e suas duas filhas solteironas, Olímpia e Irene, saíram do palacete e foram para uma casa na Praça Padre João Maria, no centro da cidade, deixando as recordações de uma época de poder e glórias vivida no belo solar, de bela vista.

O imóvel foi alugado ao Tribunal de Justiça. Anos depois acomodou a pensão familiar de Dona Maria Cabral, que abrigou muitas moças que sonhavam ca-

sar com americanos, durante a Segunda Grande Guerra. Umás conseguiram, outras viraram funcionárias do famoso cabaré de Maria Boa.

Outro personagem pitoresco era Amaral, sobrinho de Dona Maria. Numa Natal preconceituosa, já era homossexual assumido. Adorava carnaval, vestia-se de baiana. A um baile foi fantasiado de aluna da Escola Doméstica, tradicional colégio de Natal com referências suíças, exclusivo para mulheres.

No outro dia o escândalo tomava conta da cidade. Procurava-se saber quem foi a moça que emprestou a farda para Amaral, que teve fim trágico. Suicidou-se por conta de um amor não correspondido. Diziam as más línguas que era um deputado.

Em 1948, o palacete foi alugado ao Sr. Sival Duarte Pereira, locatário que o batizou de Hotel Bela Vista. Por muitos anos brilhou como a melhor casa de hóspedes da cidade dos três Reis Magos.

Do apogeu a cortiço

Quando o hotel fechou as portas, o imóvel ficou desocupado, virando um vespeiro de famílias que invadiram e ocuparam de forma irregular. O palacete já se encontrava decadente, desnudo dos seus lustres de cristais e de suas santas missas. Instalou-se um cortiço, com muitas brigas e confusões nos salões que recebeu os fidalgos da emergente sociedade potiguar. No ano de 1958, o Sesi comprou o imóvel aos herdeiros do coronel, fechando o ciclo de uma era de ascensão, decadência e abrindo espaço para um lugar onde a cultura é palavra de ordem.



Mobilha, lustre e cristais originais do palacete



A jornalista Axiliadora Guedes, atual diretora do Solar Bela Vista

Refazendo a história

Um novo capítulo começava a ser reescrito no solar que presenciou parte da história de Natal. Na década de 80, o sistema Fiern, por meio do Sesi/RN, iniciou a restauração do palacete do Coronel Aureliano Medeiros. O ponto de partida foi o trabalho de conclusão de curso de Arquitetura da aluna da UFRN Aramires França. Traçou um projeto de restauração e adaptação para uso do serviço público, incrementando a parte cultural da cidade.

Restauração supervisionada pela Fundação José Augusto, a joia arquitetônica (uma das poucas que restaram na cidade) da Avenida Junqueira Aires foi devolvida ao corredor cultural. Majestoso, imponente com seus janelões ogivais voltados pra o Rio Potengi, iluminados pelo sol das tardes, ressaltando sua beleza e sua austeridade nos traços arquitetônicos de sua épica construção. O imóvel foi tombado no dia 17 de fevereiro 1990.



Na década de 80, o restauração do Solar



O Solar atualmente

Celeiro cultural

Devolvido à população, o Solar Bela Vista virou um centro cultural e de lazer, com fins educativos e artísticos, onde estão sempre em evidência cursos, palestras, oficinas, seminários, lançamentos de livros, exposições de artes visuais e atividades ligadas ao cinema, ao teatro, ao circo, à música. Funciona

como um dos principais polos potiguares na produção e difusão da cultura e da arte, atraindo industriários e comunidade. A jornalista Auxiliadora Guedes é a atual diretora. Ela e sua equipe administram e montam a agenda do solar e recebem interessados em conhecer ou realizar algum evento cultural.



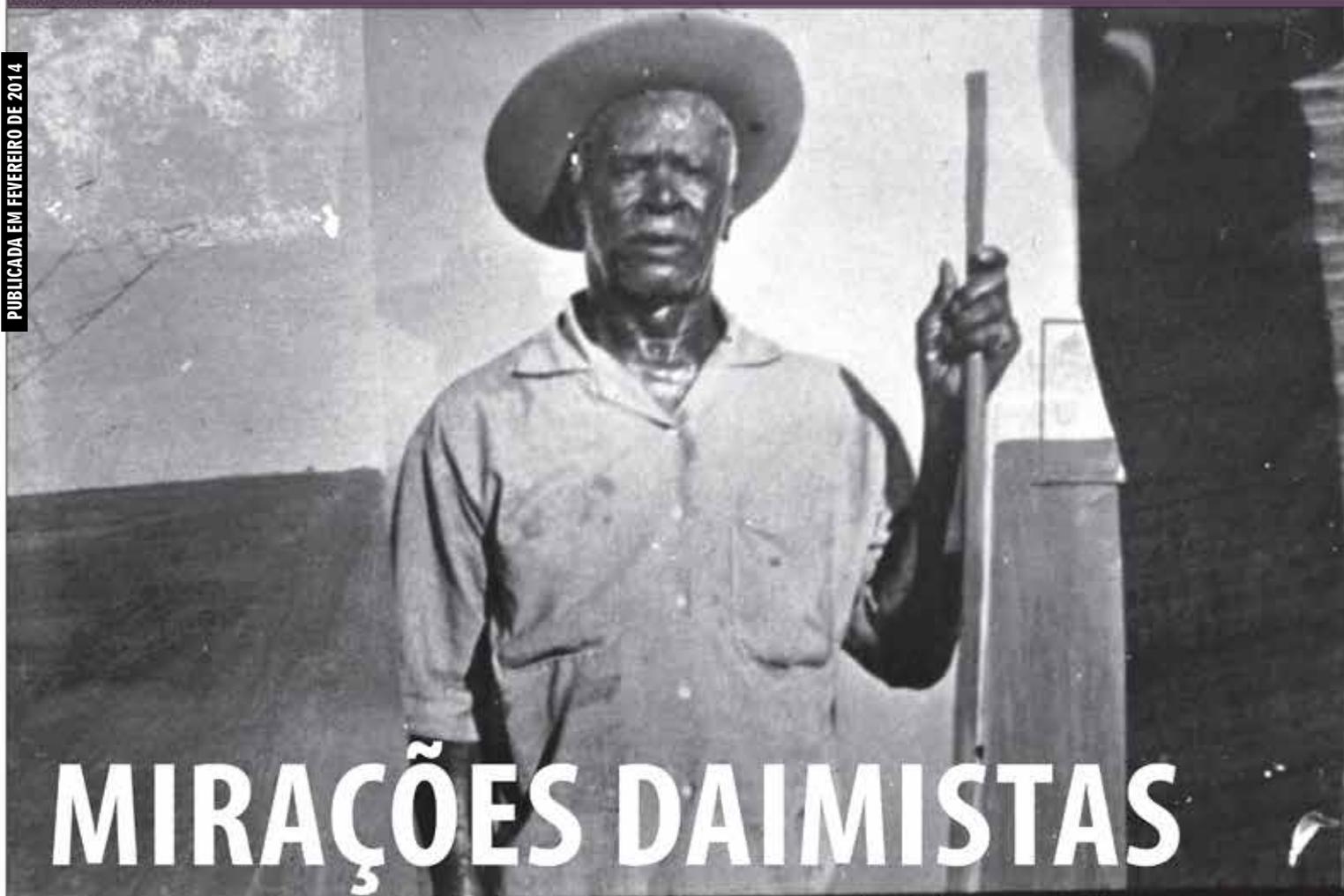
Quadros dos fundadores do Solar estão expostos na sala

Os herdeiros e a falta de memória em Natal

Dos descendentes do coronel, restam apenas seis netos e suas famílias. Em Natal, moram Norma Galvão (filha de Oswaldo), João Aureliano, Deryck, Edna e João Batista Medeiros (filhos de João Batista). No Rio de Janeiro, mora Ítala Medeiros (filha de Oswaldo). A família reivindica que a história do avô seja contada nas salas de aulas, que a trajetória dele como incentivador do desenvolvimento seja lembrada pelos natalenses. “Meu avô foi um dos grandes investidores do crescimento de Natal. Hoje ninguém se lembra, nem sabe quem foi” lamenta o neto Deryck.

Os herdeiros netos do Coronel: Deryck, João Batista, Edna e Aureliano Medeiros





MIRAÇÕES DAIMISTAS

de uma doutrina híbrida

As irmandades em solo potiguar que buscam a construção social em “visões coletivas” produzidas pelo Santo Daime

Por Clara Vidal

É NO LOTEAMENTO CAJARANA, no município potiguar de Nisia Floresta, que o grupo Céu da Arquilha, formado por seguidores do Santo Daime, reúne-se pelo menos uma vez por mês para participar dos eventos previstos no calendário da doutrina religiosa. O Santo Daime, culto cristão que surgiu no Acre e mistura elementos do espiritismo e das tradições indígenas e africanas, ainda é pouco conhecido no Rio Grande do Norte, e quem participa dos “trabalhos” (cerimônias onde se toma o famoso chá) é também adepto da discipulação.

Não é tão fácil encontrar o local e se você se perder não terá sinal de celular. “Nós não temos muito interesse em ficar divulgando os trabalhos. As pessoas vêm até nós e estamos de braços abertos para receber qualquer um”, diz Maria da Liberdade Moura, presidente da irmandade. Além do grupo de Nisia Floresta, existe outra comunidade daimista no Estado, a Céu da Flor, perto de um dos destinos mais badalados no RN, conhecido internacionalmente: a praia da Pipa.



Maria Liberdade Moura, presidente da irmandade Céu de Arquinha



Chá é feito a partir de uma mistura de cipó e folhas

Maria da Liberdade conta que o Céu da Arquinha surgiu em 2003, mas só foi oficializado em 2009. Antes disso, na década de 90, algumas pessoas que conheciam o Daime e moravam no Estado já se reuniam para tomar o chá. Atualmente são 20 associados na igreja de Nísia Floresta, ou seja, pessoas que costumam participar das sessões. “No entanto, gente de fora sempre aparece para conhecer os trabalhos, normalmente através de amigos em comum”, explica.

Os trabalhos podem ser divididos em três tipos: cura, concentração e bailado. Em todos, os participantes cantam os hinos da doutrina e tomam o chá. No primeiro, o objetivo é realizar uma limpeza espiritual por meio da bebida. Já o trabalho de concentração é mais silencioso e leva o participante a procurar momentos de auto-reflexão para encontrar o “eu superior”. Os bailados, como o próprio nome diz, misturam danças que acontecem ao som de maracás ou outros instrumentos.

O “vinho da alma”

Também conhecido como Ayahuasca, o chá é feito a partir da mistura de um cipó, conhecido como mairiri ou jagube, e folhas do arbusto rainha ou cacrona. O feitio é o nome dado à cerimônia em que se produz a bebida. Algumas igrejas produzem os próprios vegetais, o que não é o caso do Céu da Arquinha. “Geralmente participamos dos feitos no Ceará”, revela Liberdade.

O chá de gosto amargo era utilizado pelos incas e também por povos nativos da floresta Amazônica como instrumento para experiências no âmbito espiritual. As propriedades alucinógenas causam polêmica até hoje, mas, no Brasil, o uso foi liberado para fins religiosos. A discussão vem desde a década de 80 e os últimos estudos fizeram com que o Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (Conad) regulamentasse o consumo do chá em 2010.

Origem

O Santo Daime surgiu no início do século XX e foi fundado por Raimundo Irineu Serra, também chamado de Padrinho ou Mestre Irineu. Neto de escravos, nasceu no Maranhão, mas se mudou para o estado do Acre, onde começou a trabalhar em seringais e demarcação de fronteiras, quando conheceu o chá. Segundo a tradição, ele teve uma visão com a Virgem da Conceição, Rainha da Floresta, que lhe passou os fundamentos do Daime.

A denominação Daime vem do verbo DAR, e é uma forma de invocação: “Dai-me força, Dai-me luz, Dai-me amor”. Harmonia, amor, verdade e justiça são os pilares referenciais da doutrina que prega a busca pela evolução e autoconhecimento, além da prática de caridade ao próximo.

Raimundo Irineu morreu em julho de 1971, deixando vários seguidores, entre eles Sebastião Mota de Melo. Chamado de Padrinho Sebastião, ele foi responsável por manter e divulgar a doutrina por todo o país.



A cruz que é símbolo da irmandade



Rituais do Daime, comandados por Mestre Irineu, reunia homens, mulheres e crianças

Experiências

Os relatos sobre os efeitos do chá são os mais diversos. Muita gente passa mal e vomita, o que pode ser explicado como um processo de “limpeza e purificação” pelos seguidores do Daime. Algumas pessoas têm “mirações”, termo usado para designar o estado visionário que a bebida produz, enquanto outras ficam bastante concentradas e reflexivas.

Talynne Lopes (27), artesã, frequenta o grupo Céu da Arquinha há quatro anos. “Depois de conhecer o Daime, através de amigos em comum, tive uma espécie de “chamado interno”. Para mim os trabalhos são processos de limpeza, tanto fisicamente quanto espiritualmente. Me senti segura e bem recebida desde o início, por isso frequento até hoje”, relata.

Cláudia* (28), jornalista, tomou o chá duas vezes. “Sempre gostei de conhecer diferentes religiões. Estava curiosa e fui com uma amiga conhecer o Daime. Na primeira vez, a experiência foi maravilhosa,

me senti muito bem, mesmo tendo vomitado algumas vezes. Nem vi o tempo passar. Como eu estava numa fase muito boa, lembro que ri muito. Na segunda vez eu estava mais retraída e já não me sentia tão feliz. Foi bom porque me fez refletir bastante. Tomaria outra vez, mas não penso em me prender à religião”, conta.

Paulo Ricardo* (45), administrador, teve o único contato com o chá há 15 anos. “Frequentava um restaurante japonês e um sushi-man, que costumava tomar o chá me falou sobre a doutrina. Fiquei curioso e, como eu estava descobrindo diferentes religiões, resolvi experimentar o Daime. Senti um contato muito forte com a natureza. Era como se eu “viajasse” pelo mar, céu e plantas. Gosto dos princípios da seita, e até tomaria de novo, mas não tenho interesse em seguir a religião e depender disso”.

*Nomes fictícios dos entrevistados que preferiram preservar a identidade.



Ritual do Daime leva várias horas e pode ser de três maneiras, de acordo com a necessidade de cada um



Sebastião Mota, ou "Padrinho Sebastião", foi o responsável por divulgar o Daime após a morte de Irineu

Abstinência sexual e do álcool

Antes de participar de um trabalho é preciso passar por uma entrevista com alguém do Daime para entender melhor o significado da irmandade e saber como se preparar. Pessoas que tomam remédios controlados e portadores de problemas cardíacos graves só podem participar com autorização médica e assinar um termo de responsabilidade específico. "Não recomendamos o uso do chá para pessoas com doenças graves, como depressão", diz Liberdade, que afirma nunca ter presenciado qualquer problema provocado pelo uso do chá. Para participar dos trabalhos é necessário se abster de relações sexuais e do uso de bebidas alcoólicas ou outras substâncias químicas, por pelo menos três dias antes e três dias depois do ritual. Além disso, é preciso evitar a ingestão de comidas pesadas como carne vermelha.



Indumentária exigida

Indumentária

De acordo com a religião, os trajes simples e discretos são fundamentais para o desenvolvimento do trabalho espiritual. Mulheres devem usar vestido ou saia abaixo dos joelhos e blusa com mangas e sem decotes. Os homens, calças compridas e camisa em cores claras. As cores vermelha e preta devem ser evitadas.

LIVRO VERSÃO
👉 **DIGITAL**
BAIXO CUSTO
E AMPLO ALCANCE



www.terceirize.com



ALEX PADANG

O CAVALHEIRO DOS CAVALEIROS

ELE É PURA IRRADIAÇÃO DE ENERGIA. SUCESSO É PALAVRA CORRIQUEIRA NOS NEGÓCIOS. TRABALHO, IDEM. O HOMEM QUE FAZ O FORRÓ ACONTECER PASSA POR ESTÁDIOS DE FUTEBOL NÃO APENAS NO COMANDO DE UM TIME DE GIGANTE TORCIDA, MAS TAMBÉM PARA LOTAR DE FÃS EM BUSCA DE SHOWS INCRÍVEIS. VAMOS SABER QUEM É ESSE CARA!

Por Eliana Lima | Fotos: Sandro Menezes

Quando se fala em Cavaleiros do Forró não demora para saber que é a famosa banda de forró eletrônico idealizada por Alex Padang, já no distante novembro de 2001, em Natal, a capital do Rio Grande do Norte. Quando se fala Alex Sandro Ferreira de Melo, pode demorar um tanto para ligar o nome ao irrequieto empresário que também foi presidente do América Futebol Clube, tradicional e centenário time do estado potiguar. São muitos os adjetivos que podemos soletrar para definir esse natalense de 47 anos que alguns consideram uma espécie de Midas, o rei da mitologia grega que transformava em ouro tudo o que tocava.

Não por menos, o que Padang toca, digamos assim, vira moda. Seus projetos são sempre rodeados de sucesso. Elementar, numa reunião que tem muito suor de trabalho e ideias em ebulição. A estrada de sucesso, entretanto, não foi fácil de chegar. Nosso entrevistado passou por muitas trilhas sinuosas e se deparou com obstáculos. Obstinado, desistir é palavra que não faz parte do seu vocabulário de vida. Pois bem, a batalha profissional

desse jovem empresário começou bem cedo. Sua vontade de ser comerciante – o termo certo para o seu desejo – vem de menino.

Padang conta que sua primeira empreitada foi quando o pai lhe presenteou no aniversário de 10 anos com o aluguel de um videogame Atari por três dias. No sábado, quando o pai chega em casa do trabalho, por volta das 13h, depara-se com uma fila de meninos na porta e o filho alugando o videogame por tempo ou partida. Resumo da ópera: ao final dos três dias ele conseguiu arrecadar dinheiro suficiente para comprar o seu próprio e cobiçado equipamento de jogos.

Mesmo diante da resistência do pai, que se preocupava com os estudos, Padang foi oficialmente emancipado aos 15 anos de idade para colocar uma banca de sorvete no Palácio dos Esportes (concorrido ginásio da cidade instalado no bairro de Petrópolis). Com tino para os negócios, chegou a somar 14 sorveterias aos 17 anos. Ao se apaixonar perdidamente por eventos, vendeu as sorveterias e desde então é uma das coisas que mais ama fazer, como ele mesmo declara.

E COMO SURTIU A IDEIA DE UM JORNAL E COM O NOME PADANG? PERGUNTO. E ELE EXPLICA:

Eu era fã de uma coluna jovem chamada Giro Geral, escrita por Flávio Rezende [jornalista e escritor] e publicada no Diário de Natal. Só que eu achava muito pouco para a de-

manda a coluna ser semanal e esse foi o primeiro motivo para criar um jornal voltado principalmente para os jovens. Quando eu falo o primeiro é porque eu também tinha

um outro interesse comercial. Como eu já fazia festas, senti que precisava ter um meio de comunicação para me fortalecer no show business, e isso de fato aconteceu.

E OLHA SÓ COMO SURTIU PADANG:

Foi uma época muito boa. Meu trabalho no jornal era puro divertimento. A garotada ter uma foto no Padang era como se fosse um troféu, e aquela sensação era indescrití-

vel, em especial por eu, como proprietário, também ser um jovem como eles de apenas 18 anos. Quanto ao nome, numa excursão que fui à Bahia, alguns amigos soteropolitanos

usavam o nome Padang como gíria para uma coisa boa, tipo “maneiro” no Rio de Janeiro. Gostei da gíria e como queria um nome bem diferente, decidi por ele.

DE SUCESSO

De uma hora para outra uma música composta por Padang, como o nome *Se Réi Pra Lá*, tornou-se um estrondoso sucesso em 2001. Tudo porque nada menos que Durval Lelys, um dos mais badalados puxadores de bloco do Carnatal – a micareta de Natal, considerada a maior do Brasil –, adotou a música como hit da sua banda Asa de Águia para embalar o então mais badalado bloco: Jerimum. Não saiu mais da boca dos foliões.

E foi o ponto de partida para o sucesso da banda Cavaleiros do Forró, em todo o Brasil. Pa-

dang diz que *Se Réi Pra Lá* não está musicalmente entre as melhores da sua banda, “mas é indiscutível a mais importante nesses quase 19 anos da banda”. No disco que gravou com a música, era a única de autoria dele. E como ele se descobriu compositor? “A verdade é que ninguém queria fazer uma música com a frase *Se Réi Pra Lá* e então fui “forçado” a virar compositor. O hit, que eu não imaginava como a música de trabalho do disco, em pesquisas com amigos antes de lançá-la, virou unanimidade”, conta.

“A verdade é que ninguém queria fazer uma música com a frase *Se Réi Pra Lá* e então fui “forçado” a virar compositor.”



Como mascote do América, ainda criança



Com seu pai Jesum Lopes (In memoriam) no dia do seu casamento



Com a mãe Aldinei, na posse como presidente do América



Com o amigo Wesley Safadão



Solenidade de posse da presidência do América FC em 2012



Com o cantor Durval Lelys , antes mesmo de saberem que um dia o baiano iria ajudar a estourar a música "Se Réi Prá Lá"

E COMO A MÚSICA CHEGOU ATÉ DUVAL?

Padang - Durval sempre foi um pesquisador de repertório, em especial para as micaretas. *Se Réi Pra Lá* era a única música de forró daquele ano a estar tocando entre as melhores nas rádios populares de Natal. Procurei dois amigos de convívio comum com Durval, Sérgio Bolha e Ênio Sinedino, e disse-lhes que Durval arrebitaria se cantasse a música na Avenida. Bolha era amigo do surf, Ênio era sócio e conselheiro musical do cantor. Buuummmmmmm, a

estratégia foi cirúrgica e explosiva. Enquanto Bolha lhe apresentava a música como estando na boca da galera, Ênio confirmava que estava entre as melhores da 96 FM. O Jerimum, bloco que o Asa puxava e que os dois faziam parte, estava “voando” e fez a música estourar. A quantidade de turistas no Carnatal fez com que a música chegasse rapidamente em todo Nordeste. Durval, um cara do bem, ainda ajudava dizendo quando cantava que a música era da Cavaleiros.

O QUE ACONTECEU DEPOIS DAQUELE CARNATAL?

Padang - O ano era 2001. A música foi eleita o hit do Carnatal. Durval tinha cantado de cinco a seis vezes por dia, mais que sua música de trabalho na época. A Destaque publicou uma página inteira em cada jornal da cidade com o título “Que a tristeza Se Réi pra Lá”. Se fosse ensaiado com todas essas pessoas que citei, não teria dado tão certo. Como num passe de mágica e com apenas 20 dias depois de lançada, o telefone disparou a

tocar e como eu tinha o disco (que foi gravado por músicos de estúdio) mas não tinha a banda, a cada solicitação de data para aquele dezembro de 2001, eu inventava que a agenda estava lotada, uma pequena mentira que ajudou a aguçar os contratantes até que em 4 de janeiro de 2002 fizemos nosso primeiro show em Brejinho (RN) e no dia 5 o segundo, com ingressos esgotados no Circo da Folia em Pirangi.





A BANDA QUE PASSA

Sobre o nome de banda e os primeiros passos entoados, Alex Padang diz que no distante ano de 1997 ele contratou a banda Forró da Brucelose, foi quando o proprietário, Gilson Neto, contou-lhe a história de como surgiu a banda, fazendo primeiro o disco e depois formando o grupo. “O fato inusita-

do me chamou muito a atenção, em especial porque naquela época as coisas estavam começando a “virar o jogo”, os proprietários de banda sempre estavam com condições mais favoráveis do que os promotores de eventos e eu acreditava, como de fato aconteceu, que isso seria uma tendência”. Bingo, então.

O BAQUE E A VOLTA POR CIMA

Eis que em 1998, há poucos meses da eleição, o homem da Cavaleiros do Forró decide sair candidato a deputado estadual. Apesar da grande maioria dizer que ele foi muito bem votado, não serviu de nada porque ele não se elegeu e o abandono aos negócios fez com quebrassem financeiramente.

Até que ele sai da campanha com dois objetivos: vender tudo que tinha para pagar a quem devia e colocar uma banda de forró. Durante três anos vendeu CD'S de forró para jornais, copiando a ideia que existia no CD da Bíblia com Cid Moreira. Isso o ajudou a se manter perto dos outros donos de banda e conhecer contratantes de outros estados. “Foram três anos muito duros, difíceis, inclusive de sacrifícios familiares, mas que valeram à pena. Fiquei mais forte e tive meu primeiro filho: Cavaleiros do Forró”, lembra.

Explica sobre o nome da banda: “Se tem um animal que poderia re-

presentar o forró, este seria o cavalo por causa das vaquejadas. Somado a isso, o nome Cavaleiros abriria um leque de opções enorme para figurinos, cenários, jargões... Foi uma boa escolha”.

“Foram três anos muito duros, difíceis, inclusive de sacrifícios familiares, mas que valeram à pena. Fiquei mais forte e tive meu primeiro filho: Cavaleiros do Forró”



Pergunto: o RN dá o devido valor aos artistas locais?

Padang - Vejo muita gente reclamar, eu particularmente seria ingrato se afirmasse isso. Estamos sempre entre as músicas mais executadas das rádios, tocamos em todas as grandes festas do estado durante esses 19 anos, gravamos um DVD há 15 anos que é considerado um dos melhores da Cavaleiros, sendo o primeiro a ser gravado em um estádio de futebol. Em novembro passado gravamos novamente aqui nosso décimo DVD e sozinhos levamos a totalidade do espaço externo da Arena das Dunas: 60 mil pessoas. Logicamente tem muitos estados na frente do RN em número de contratações da banda por alguns motivos:

1 - O estado é pequeno geograficamente. Enquanto a Bahia tem 417 municípios e Minas Gerais 853, o RN tem apenas 167.

2 - Culturalmente também ficamos a dever. Até o ano passado Natal era a única capital que não comemorava à altura a festa dos nordestinos, o São João. Independente da banda, como potiguar e bairrista, fiquei muito feliz com o surgimento do São João em Natal e a nossa cidade juntamente com Mossoró e Assú são as únicas que mantêm a tradição em grande nível. Só para se ter uma ideia, Sergipe com 75 municípios tem mais de 20 festas juninas, a Bahia chega muito perto de 100.

SOM NA CAIXA

Sobre quantas vezes a Cavaleiros se apresentou em rede nacional, Alex Padang diz que foram tantas que não sabe ao certo a exatidão. E sobre quantos canais, ele não titubeia: “Em todos os grandes de rede nacional e quase todos os programas que quisemos fazer, com exceção de ter uma música

em uma novela. As apresentações foram em programas de relevantes ibopes, como duas vezes no Domingão do Faustão, quatro no Programa da Hebe, quatro em Raul Gil, uma no Caldeirão do Huck, cinco em Gilberto Barros, uma no programa Hora do Faro, uma em Marcos Mion e uma em Gugu Liberato.

Sobre o que mais deu ibope às suas bandas, diz:

Padang - Vou dividir sua pergunta em duas respostas:

1 – O programa que mais deu ibope foi o Domingão do Faustão com a banda ao vivo. Entramos sabendo que faríamos no máximo duas músicas, mas a audiência foi crescendo e o Fausto foi segurando a banda com perguntas e pedindo mais músicas. Cantamos umas seis músicas.

2 – Se for para responder o que mais deu ibope nesses anos todos para que a Cavaleiros permanecesse sempre entre as primeiras, seguramente afirmo que foram nossas músicas, independente de qual formação estivéssemos, sempre tínhamos pelo menos um hit.

Quais os melhores momentos nesse tempo de sufoco e de glórias?

Padang - Vou dividir sua pergunta em duas respostas:

1 – O programa que mais deu ibope foi o Domingão do Faustão com a banda ao vivo. Entramos sabendo que faríamos no máximo duas músicas, mas a audiência foi crescendo e o Fausto foi segurando a banda com perguntas e pedindo mais músicas. Cantamos umas seis músicas.

2 – Se for para responder o que mais deu ibope nesses anos todos para que a Cavaleiros permanecesse sempre entre

as primeiras, seguramente afirmo que foram nossas músicas, independente de qual formação estivéssemos, sempre tínhamos pelo menos um hit.

Quais os melhores momentos nesse tempo de sufoco e de glórias?

Padang - Tem muitos, graças a Deus.

1 – Abrir a primeira sorveteria ao ser emancipado com 15 anos de idade;

2 – Lançamento do primeiro jornal Padang;

3 – Ver o sucesso de Mução na FM Padang;

4 – Saber que meu pai comprava CDS da banda escondido de mim para dar aos amigos;

5 – Ver minha família unida diversas vezes para assistir aos shows da Cavaleiros, principalmente porque passamos pelas dificuldades sempre juntos;

6 – Tem uma emoção especial: comprei meu primeiro apartamento antes de ter a maior idade. Tive que vendê-lo depois do insucesso na política aos 25 anos de idade. Estava tão triste que não fui pegar o que tinha dentro, toalhas, travesseiros, móveis...Minha mãe sem me dizer, falou com o comprador e pediu para levar os pertences e os guardou até o dia que eu consegui comprar um novo imóvel. Ver aquelas coisas chegando num caminhão me causou quase todos os tipos de emoções possíveis. No final das contas nem eu tinha, mas este gesto me fez saber que eles tinham total confiança na minha volta por cima.

Quais os aprendizados?

P - Vou resumir num principal aprendizado: fazer o que você gosta. Acredito que o sucesso profissional depende muito disso.

O que faria de novo?

P - Cavaleiros, casar, ter filhos e torcer pelo América.

O que não faria mais?

P - Ser candidato.

E o América? Conte entraves, desavenças, vitórias e amizades:

P - Sobre os entraves e desavenças, tenho um conceito comigo que não se deve expor discussões particulares do clube fora do Conselho.

Sobre as vitórias, com certeza a maior delas é ter conquistado a torcida. Vamos dizer que nosso sangue bateu. Cada um faz a sua parte. Quando estou na diretoria (fora os dois meses do começo do ano no marketing, a última vez foi em 2013 como presidente) eu me entrego por completo, como se diz no futebol: eu suo sangue e a nação, como carinhosamente chamo a torcida, nunca deixou de atender aos meus chamados. Lógico que isso foi construído através de acessos, títulos, o fato de nunca ter caído de divisão, comunicação através da rede, sinceridade, tabu contra o ABC...Ninguém faz isso sozinho, sempre é uma equipe, costume dizer que o presidente perde só e ganha em conjunto, e através desse conjunto fiz muitas amizades no América. Impossível descrever nomes. A lista vai de funcionários, passando por jogadores, treinadores, conselheiros e ex-presidentes.

O que falta ao clube?

P - A principal falta é a democratização. Não se pode chamar o sócio só para contribuir. Eles devem ser bem mais ativos e vários clubes grandes provaram que isso é a evolução, uma modernização inevitável.

O que você deu ao clube?

P - Antes de ser presidente de direito (já havia sido de fato), fui diretor de marketing, diretor de futebol, vice de futebol, vice-presidente diretivo, até ser presidente. Diante de tudo que já tinha visto no América, fiquei convicto de que o América poderia ser viável e mesmo jogando fora de Natal durante todo o mandato o clube foi entregue com quatro causas trabalhistas - quando entrei eram 17 -, sem nenhuma dívida de impostos, com exceção de uma briga judicial sobre um IPTU de um terreno do clube invadido na Zona Norte, com salários dos jogadores em dia, mais de 5 mil sócios (maior número dos últimos 30 anos) e com orçamento maior da sua história mesmo nos anos que estivemos na série A. Acho que essa foi a minha maior contribuição, provar que é possível.

Quem você não votaria para presidir o clube?

P - Não me sinto no direito de julgar qualquer ex-presidente do América, quanto mais deixar de votar em alguém. O fardo é muito pesado, não somente para quem está presidindo como também para seus amigos, sua profissão e, principalmente, sua família. Alguns tiveram mais sucesso, outros, não. É do jogo, futebol é inexplicável, independente de vitórias ou derrotas tenho admiração por todos que tiveram a coragem de sentar na cadeira.

Mágoas?

P - Sem mágoas!

E a família?

P - Sempre foi unida, com princípios cristãos ensinados por papai e mamãe. Eu e minhas duas irmãs, Jódia e Janine, também fomos muito felizes nas escolhas dos parceiros, Carol, Sandro e Ricardo, e, portanto, essas escolhas foram decisivas para que continuássemos muito unidos, principalmente após a morte de papai.

Projetos para um futuro breve?

P - Arranjar alguém que consiga me substituir na parte artística da banda, Janine já faz com excelência a parte administrativa e comercial, permitindo-me ter mais tempo para ficar com Duda e Arthur, viajar, jogar Beach Tênis... e principalmente descansar o juízo kkkkkkkkkk...



Com a mulher Carol e os herdeiros Maria Eduarda e Arthur

Como está escapando nesses tempos difíceis de pandemia?

P - Preocupado, em especial com as pessoas do meu ramo. Tem músico, operador, motorista, carregador... enfim, todo um segmento de milhares de pessoas que em sua grande maioria não recebe dinheiro desde 30 de março, uma tristeza enorme para quem a vida toda levou felicidade para as pessoas. Muita gente está de fato passando fome.

Por que você não deixou publicar a sua biografia escrita por Flávio Rezende?

P - Flávio é uma unanimidade entre as pessoas que o conhecem. A história do livro começou como uma brincadeira, algumas páginas feitas pela minha mãe e que Flávio, ao visitar minha casa depois de muitos anos sem nos vermos, soube através dela da biografia. Pediu para ler e alguns dias depois sugeriu que fizéssemos algo mais profissional, e eu aceitei.

O livro ficou muito legal, mas ainda faltava muita coisa que eu tinha programado para a minha vida acontecer: nascimento do meu segundo filho, consolidação ainda maior da Cavaleiros, ser presidente do América...

Acho minha história legal, mas não acho que mereça um livro. Quem sabe um dia...

EM TEMPO

Ufa! Se esse pouco de conversa rendeu uma ótima matéria de ser ler para saber sobre suas inquietantes iniciativas de sucesso e superação, imagine se não daria um livro instigante.

Modéstia, Padang, modéstia.



Ivan Lira de Carvalho

Membro do Conselho Estadual de Cultura e do Instituto Histórico e Geográfico do RN. Professor da UFRN e Juiz Federal

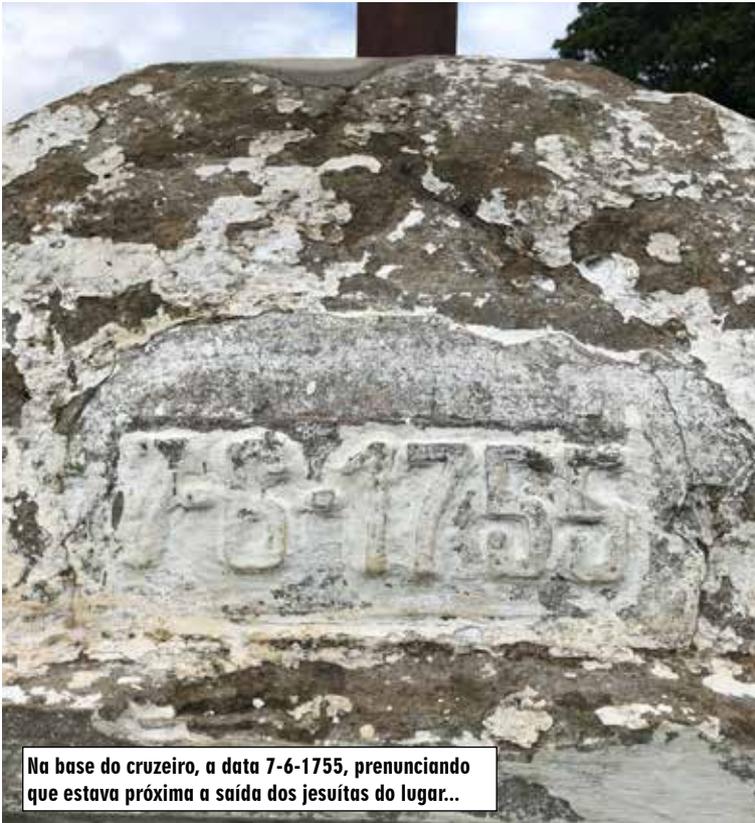
Fotos: Ivan Lira



EXTREMOZ

Aldeia e Missão de
São Miguel do Guajiru,
**um passado
perto de agora**

Para uns, a base de um pelourinho; para outros, um local para amarrar os animais dos visitantes da igreja



Na base do cruzeiro, a data 7-6-1755, prenunciando que estava próxima a saída dos jesuítas do lugar...



Placa tosca, noticiando o tombamento pela Fundação José Augusto

Estando em Natal, tome um carro no rumo norte. Carece de ter pressa não, pois é perto, coisa de meia hora em marcha regular. Vai transpor o Rio Potengi e seguir em frente, com inflexões bem sinalizadas. Adiante cruzará uma linha de trem, sinal de que está voltando ao passado. Ou melhor, está chegando ao que dele resta, rodeado e protegido pela história. Bateu em Extremoz, hoje escrita assim mesmo com “x”, em desacordo com o “s” da matriz portuguesa que inspirou o topônimo há pouco menos de três séculos. É, sim, a primeira vila do Rio Grande do Norte, fundada em 1760 por Bernardo Coelho Gama Casco, por ordem do Rei Dom José, de Portugal. Mas de antes já tinha importância na construção do nosso povo e do nosso Estado.

Na origem, era habitação dos índios Paiaçus, que compunham o gentio Tapuia (pessoas mais brutas do que os Tupis, estes mais traquejados em negociações com outros silvícolas e com estrangeiros, segundo Olavo de Medeiros Filho, historiador caicoense). O certo é que em 1603 foi ali instalada uma missão jesuíta, com dupla tarefa: difundir a fé católica e domesticar os indígenas, cumprindo o objetivo político do Governador-Geral Mem de Sá. Deu certo enquanto durou. Educaram a indiarada ao gosto dos brancos, com escrita, leitura e artes de bordar e coser.



A solidez do convento, resistindo ao tempo e às depredações



Detalhes do material usado no edifício:
pedra bruta, tijolos de alvenaria, barro e cal

Na agricultura foram implantados “quilômetros de lavoura que mantinham a população farta e tranquila”, como registra Câmara Cascudo na obra “História do Rio Grande do Norte”. Até que em 1760 o Marquês de Pombal, que mandava e desmandava em Portugal, convenceu o rei a expulsar os jesuítas das terras lusas e adveio um novo desenho gerencial para o lugar, com a elevação à condição de vila. De pedra e cal restou a magnífica Igreja de São Miguel e Nossa Senhora dos Prazeres, então a maior e mais bela edificação religiosa do Rio Grande, construída a partir de projeto do arquiteto e sacerdote Gaspar de Samperes, o mesmo autor da planta da Fortaleza dos Reis Magos.

A localização do templo não poderia ser mais feliz: às margens de uma lagoa de águas límpidas, que assegurava o abastecimento e o frescor do conjunto edilício, que além da nave tinha também um convento, doublé de hospedaria para os devotos, estalagem que àquela época era denominada hospício (não associada a hospital,

mas sim a hospitalidade, pouso). Diante da importância das instalações, foi providenciado até mesmo um sino digno de chamar os fiéis, que chegou à sede da capitania por via marítima, sendo transportado para o Guajiru em um carro de boi.

Aí entra a lenda: o carreiro adormeceu, o carro de boi ingressou nas águas da lagoa com a preciosa carga, onde todos desapareceram. Dizem que até os dias atuais, em noite de lua, os ribeirinhos ouvem o barulho do carro, o berro dos bois e o badalar do sino. O imaginário, então, alimenta a fantasia que se completa com as ruínas do admirável conjunto, do qual ainda restam paredes altíssimas e alicerces fortes. Lá, o visitante saberá de outras histórias fantásticas, como a do túnel que atravessava a lagoa, assegurando a fuga dos clérigos em caso de ataque ou das duas cobras gigantes que aterrorizavam os antigos banhistas do lago. Não vou dar *spoiler* para não quebrar a graça da visita. Invertendo o provérbio, é preciso crer pra ver.



Parede onde a igreja encontrava com o convento

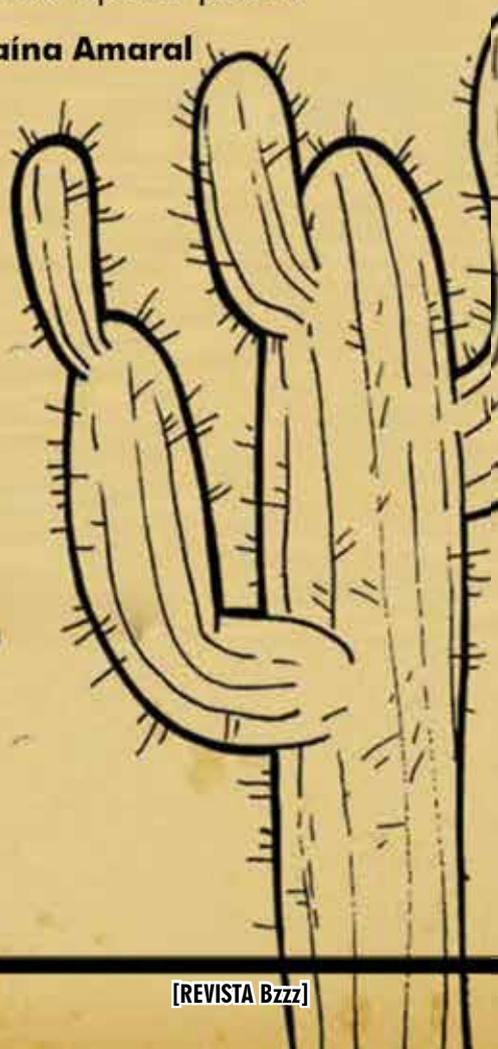
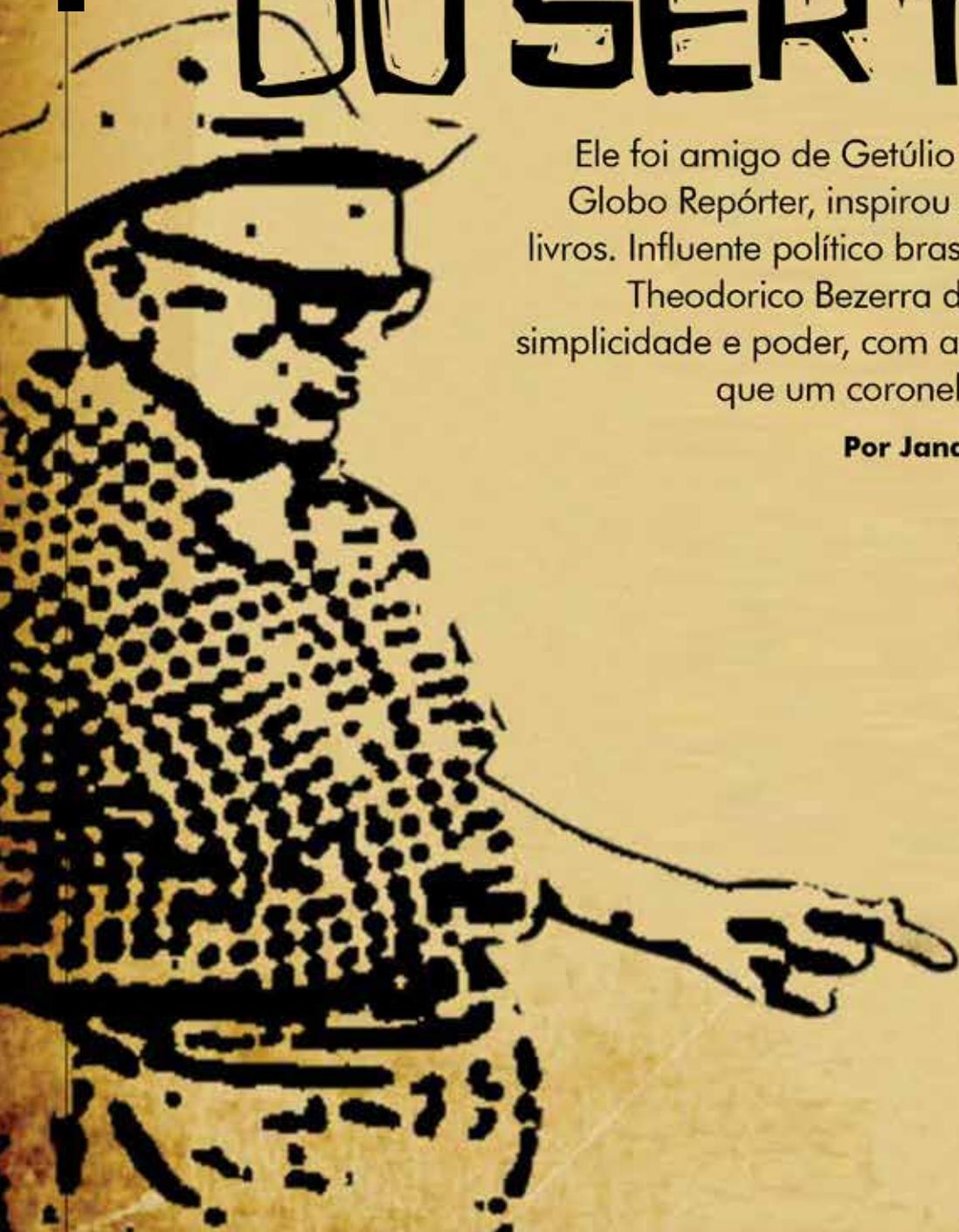


A guarda do sítio histórico, em troncos de coqueiros com fungos e líquens que denunciam o tempo

O IMPERADOR DO SERTÃO

Ele foi amigo de Getúlio Vargas, tema de Globo Repórter, inspirou documentários e livros. Influente político brasileiro, o potiguar Theodorico Bezerra desfrutou de luxo, simplicidade e poder, com as excentricidades que um coronel da época podia

Por Janáina Amaral



QUANDO SETEMBRO CHEGAR, completar-se-ão 20 anos da morte de Theodorico Bezerra, o Majó Theodorico, nome que consta na lista das maiores lideranças políticas não apenas do Rio Grande do Norte, mas também além das porteiras das suas terras que se perdiam de vista. Consta na lista dos influentes políticos brasileiros. Natural da cidade de Santa Cruz, região do Trairí, foi considerado um “novo coronel”, a contar que não reverberava às características de truculência dos autoritários de dantes. Mesmo assim, não media esforços para conquistar vitória, mesmo que fosse preciso subornar, ameaçar. Mas, sabia o momento certo para um pedido humilde. Da mesma forma que fazia favores, também passava por traições, o importante era vencer. Era chamado de o “Coronel do Sertão”. O termo “majó” (major), acreditam alguns, foi alusão à sua progressão após deixar o Exército, onde serviu no 21º Batalhão de Caçadores, até o posto de cabo. Pela posição, ficou conhecido pela alcunha de “cabo”, e o título de “majó” surgiu ao ingressar na militância política, mas a família não sabe como surgiu “majó”.

O termo coronel pode parecer pejorativo, por remeter a senhor feudal, latifundiário, autoritário, mas quem conviveu com o Majó Theodorico Bezerra, mesmo que por pouco tempo, pôde comprovar que ele despertava curiosidade principalmente por ser muito culto, rico, visionário e gostar das coisas simples e do sertão. Sua vida

rendeu séries de reportagens, Globo Repórter, filme e livro. Um personagem marcante da política potiguar que impressionou do cartunista Henfil ao presidente Getúlio Vargas; dos seus trabalhadores na fazenda Irapuru a seus adversários políticos. Neste ano de 2014 foi tema do samba enredo da Escola de Samba Balanço do Morro, da comunidade das Rocas, que sagrou-se tricampeã do Carnaval de Natal. Foi inspiração do documentário dirigido pelo cineasta Eduardo Coutinho, todo narrado pelo próprio coronel, uma espécie de autorretrato da elite nordestina, misturando seus cacoetes de poder e suas manias de grandeza.



Tema do Globo Repórter

Foi preciso o feeling jornalístico do cartunista Henfil para perceber que o “majó” era diferente de todos os coronéis que se relatava existir pelo Brasil. Mesmo quem convivía com o potiguar e sabia de seus hábitos excêntricos, não imaginava que seu jeito de ser e conviver fosse virar um documentário do Globo Repórter, sob o tema “O Imperador do sertão”, em 1978. A pauta para a Rede Globo foi sugerida pelo jornalista e colaborador de O Pasquim, Henfil, que morou em Natal e se deparou com o estilo próprio e intrigante de Theodorico Bezerra.

Henfil relata no prefácio do livro do mesmo tema escrito pelo médico e jornalista Lauro Bezerra que fez uma única sugestão ao recepcionar a equipe da TV Globo, no Aeroporto Augusto Severo: “Não riaram, nem chorem, mostrem”. O cartunista lembra ainda que entregou o ouro da descoberta da sua pauta para uma equipe de televisão, pois teve receio de, por meio de escritos no jornal, não conseguir traduzir e mostrar ao país quem de fato era o Majó Theodorico Bezerra.

“Não criamos nenhuma expectativa, nem imaginávamos que fosse dar certo”, conta Lauro. Um belo dia liga o roteirista, Eduardo Coutinho.

- Majó, aqui é da Rede Globo, a gente queria fazer uma matéria com o senhor.

- Olhe, esse negócio deve ser muito caro, quanto custa?

- Não, não custa nada não.

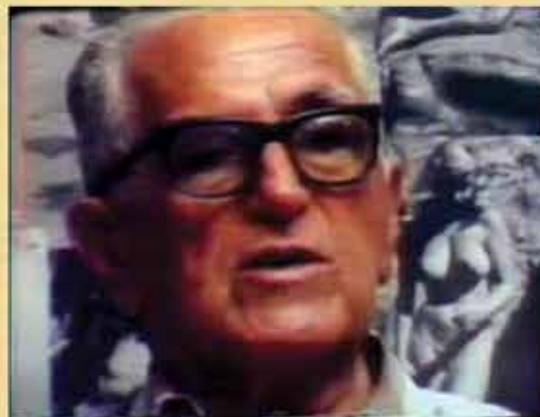
- Ahhh, isso pago é bom, quanto mais de graça... pode vim quando quiser, com quem quiser.

E vieram cinco jornalistas, cinegrafista, fotógrafo. Passaram uma semana entre Natal e a fazenda Irapuru para produzir o Globo Repórter. O documentário está disponível na internet Rede Globo.

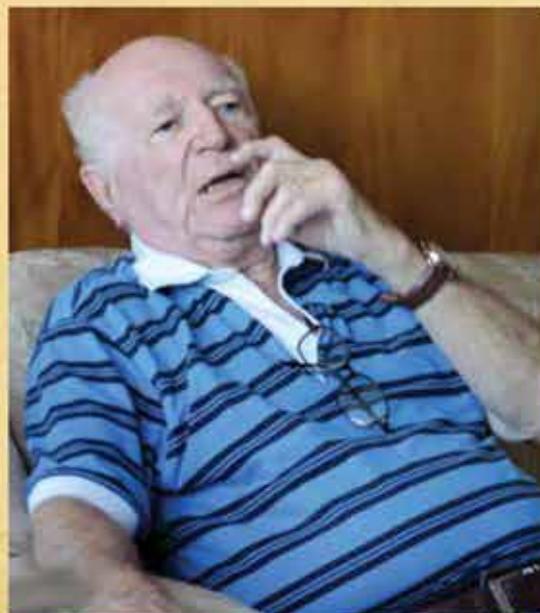
O programa veio consagrar toda excentricidade de Theodorico Bezerra. Por ser ano eleitoral e a lei da época não permitir, o programa não foi passado em Natal, mas na região Oeste era liberado. Para assistir, o major teve que ir ao Recife, capital de Pernambuco. Ficou tão satisfeito com o resultado que conseguiu uma cópia e mandou fazer várias, que exibia durante seus comícios.



Majó Theodorico Bezerra em sua área reservada com paredes dedicadas a recortes de mulheres bonitas



Majó Theodorico Bezerra no especial para o Globo Repórter - O Imperador do Sertão



Lauro Bezerra escreveu livros sobre vida e obra do “majó” Theodorico

Trajatória da fortuna

Impossível contar toda a vida desse empresário, político e amante do sertão em poucas páginas, afinal, trata-se de um homem que teve um programa de televisão inteiro veiculado na maior emissora de TV do país, visto em 1978 por 40 milhões de telespectadores, além de um livro publicado com recorde de vendas. “O livro ‘Majó Theodorico Bezerra, o imperador do Sertão’ foi lançado numa sexta-feira, 13 de Agosto de 1982, vendeu 266 exemplares, sendo considerado o maior lançamento

de livro de Natal até então, e até hoje continua a busca nas livrarias por um exemplar”, conta o autor Lauro Bezerra, que já escreveu sete livros, mas esse é especial e o de maior destaque do escritor, que é médico e ex-deputado estadual.

Hoteleiro, industrial, agricultor, dono de jornal, rádio e político. Mas, antes desse apogeu, a vida do Imperador do Sertão não foi nada fácil. Órfão de pai aos 11 anos, teve que começar a trabalhar muito cedo. Começou a trabalhar na feira de San-

ta Cruz, onde vendia couro curtido. Vendeu até caixão de anjo. Dinamismo era uma de suas virtudes. Com o dinheiro, ele e um amigo compraram um caminhão para frete. Depois, foi morar em Natal, e na capital, com a venda do caminhão, comprou o Hotel dos Leões, no bairro da Ribeira. Vendia um e comprava outro, assim foi dono do hotel Avenida, Internacional, até chegar ao Grande Hotel. “Foi no Grande Hotel que papai fez sua fortuna”, conta o engenheiro civil Kléber Bezerra, filho do major.

Auge

Em Maio de 1939 era inaugurado o Grande Hotel, construído pelo então governo de Rafael Fernandes. Ofereceu o hotel a vários arrendatários, mas ninguém se interessou por considerá-lo muito grande. Então surgiu o nome de Theodorico Bezerra, que já trabalhava no ramo hoteleiro. Oferta aceita, arrendou o Grande Hotel. Antes de abrir as portas, apesar de o hotel ser novo, ele fez uma série de reformas e só em 1º de setembro de 1939 começou a funcionar. Theodorico se mudou para o hotel com a esposa Zilah Bezerra e os dois filhos, Kléber, com 6 anos, e a irmã Sânzia, de apenas 2 meses. “Em 1939 estourava a 2ª Guerra Mundial, o Brasil entrou na guerra e Natal, em 1943, veio a ser base



Varanda do Grande Hotel reunia amigos em longas conversas

militar dos americanos. O Grande Hotel passou a ser palco da história do país e da fortuna do Majó Theodorico”, lembra Kléber.

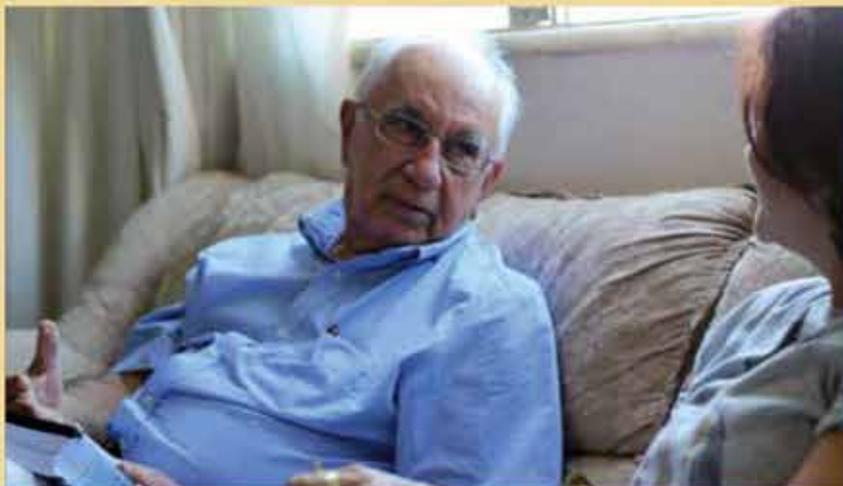
Eram muitos americanos e militares brasileiros que moravam no Grande Hotel, considerado o hotel mais luxuoso da época. E, Theodo-

rico fazia de tudo para atender bem, quando o hotel estava lotado cedia o quarto dele para os hóspedes e ia dormir no escritório. Naquela época não possuía Casa de Câmbio e como os bancos fechavam cedo o próprio Majó comprava e vendia dólar no hotel. O Grande Hotel foi palco de muitas decisões políticas, encontros importantes. O general Cordeiro de Faria, comandante do Exército, e o almirante Ary Parreiras foram dois dos personagens marcantes do país que moraram no hotel.

O “majó” Theodorico também foi dono do Cassino Natal, onde funcionou a loja de veículos Marpas. No ano de 1988, no governo de Geraldo Melo, ele devolveu o Grande Hotel ao Estado, pois a Ribeira começava a entrar em decadência com a transferência da rodoviária para o bairro de Cidade da Esperança.



Comício de Getúlio Vargas em Natal



Kleber Bezerra, filho do Majó Theodorico

O político

As atuações de Theodorico Bezerra passavam pelos bastidores da política local e nacional. Foi fundador e presidente do então PSD (Partido Social Democrático), atuou como deputado estadual por três mandatos, deputado federal por quatro vezes e vice-governador de Aluizio Alves. Não obteve êxito em duas eleições, para senador, em 1962, e deputado federal em 1970. Perdeu porque foi preso pela ditadura já próximo do dia das eleições. Seu reduto eleitoral sempre foi a região do Trairi. Deixou a Assembleia Legislativa com quase 80 anos. Depois dele, com essa idade, só Agnelo Alves ocupa um mandato na Assembleia.

Como deputado estadual, apresentou o projeto que criou o município de São José de Campestre, e atuou membro da Comissão do Comércio, Indústria, Agricultura e Obras Públicas.

Bastidores

Admirador de Getúlio Vargas, foi ao Rio de Janeiro por iniciativa própria conhecer o presidente da República. Ficaram amigos e passou a fazer parte da intimidade de Vargas, inclusive como hóspede na fazenda São Borja, em Minas Gerais, por três dias.

Na campanha de 1950, Getúlio Vargas esteve num comício em Natal e os bastidores dessa visita foram tumultuados. Por meio da influência de Theodorico, o presidente não desistiu de aterrissar na capital potiguar. “Papai era presidente do PDS e apoiava Getúlio para presidente da República e Dix-Sept Rosado para governador. Getúlio foi fazer comício em Fortaleza e a turma da UDN começou a sabotar para ele não viajar até Natal para que Dix-Sept não tivesse vantagem. Papai, que já era amigo dele e ficou com medo de desviarem a rota de Getúlio, então alugou um avião teco-teco

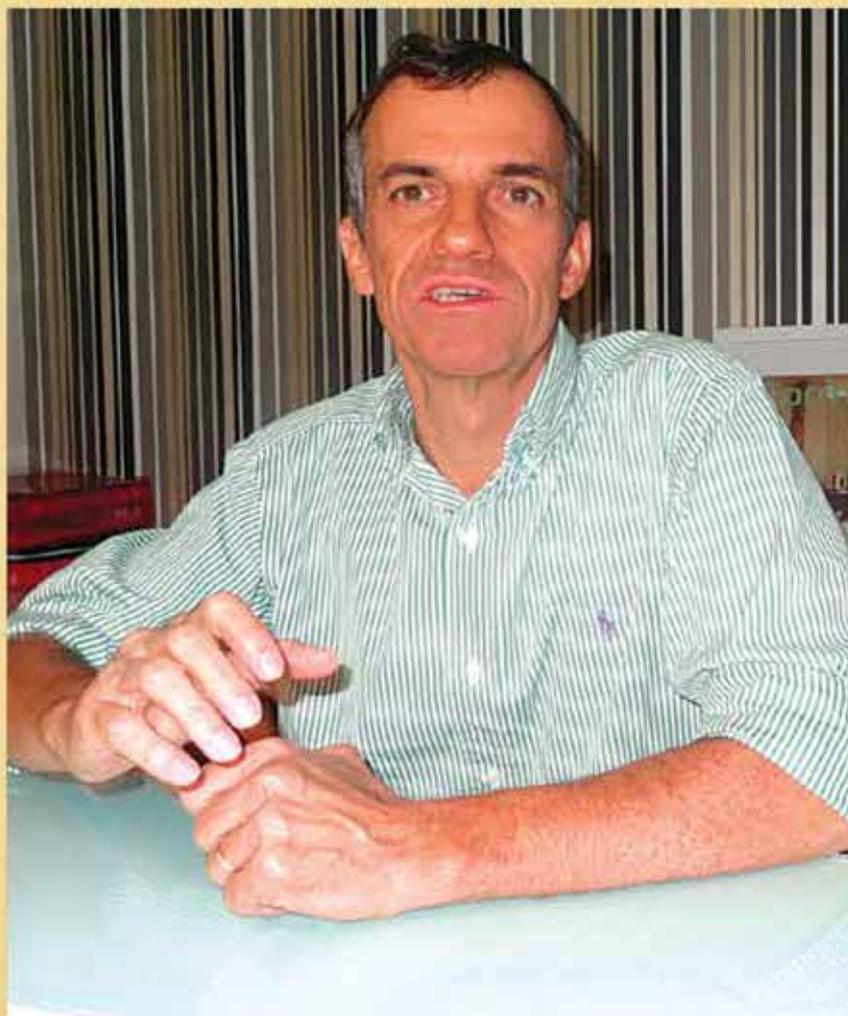
e voou para Fortaleza. Lá, colou em Getúlio e voltou no mesmo avião para Natal. Getúlio hospedou-se na casa de Dr. Álvaro Vieira, onde hoje é o prédio Varandas do Atlântico (na avenida que tem o nome de Getúlio Vargas). Fomos para o comício na Praça Pio X, onde hoje é a Catedral Nova”, conta Kleber.

Na época, o nome do potiguar Café Filho era sondado para ser vice-presidente, mas Vargas estava resistente. A princípio não queria Café. Reza a lenda que ele queria o general alagoano Gois Monteiro, mas o nome de Café foi imposto por Ademar de Barros, força política de São Paulo. O fato é que durante o comício em Natal as pessoas gritavam Café, Café... e Getúlio não citou o nome de Café. E não pretendia citar o nome de Dix-Sept para governador. No final, alguém “soprou” no ouvido dele, que, finalmente, disse: E para governador, Dix-Sept, que ganhou a eleição.

Lembra Carlos Augusto Rosado

Atual chefe da Casa Civil do Estado, Carlos Augusto Rosado, filho do ex-governador Dix-Sept não participou ativamente da campanha do pai, por ser muito pequeno, mas teve o prazer de conhecer o major Theodorico. “Ele era um político sagaz. Fui deputado estadual e naquele tempo a Assembleia Legislativa era só uma sala de reuniões para todos

os deputados, não existia gabinete individual, também não era dada ajuda de custo e o salário parlamentar nós deixávamos quase todo em hospedagem. Eu dividia o quarto com o padre Cortez, que também era deputado. Por insistência de Theodorico, nos mudamos para o Grande Hotel. Era um grande defensor do Trairi”, discorre Carlos Augusto.



Jorge Bezerra, ex-prefeito de Tangará e neto do Majó



Foto: Assessoria do Governo do Estado do RN

Sagacidade do Majó era admirada por Carlos Augusto Rosado

O viajante

Apesar de ser uma época que poucos viajavam, Theodorico sempre foi um viajante nato. Conheceu todos os países da América do Sul e outras partes do mundo, como Índia, Japão e Egito. Tinha interesse de saber como o homem do campo vivia. “Ele viajava para adquirir conhecimento, ficava amigo de todos. Foi por várias vezes à Amazônia e ficou amigo dos índios”, relembra o filho Kléber.

“A cada dois anos vovô viajava com os netos homens. Ele não levava as mulheres, mas elas eram agraciadas porque a mala vinha repleta de presentes. Era diferente e divertido. Nas viagens, ficávamos a metade dos dias em hotel bom e a outra em hotel mais inferior. Ele dizia que era para aprender a dar valor às coisas. Nas viagens, nós também tínhamos que nos virar. Como fazíamos inglês, ele sempre colocava o netos para resolver tudo para testar o nosso inglês”, recorda o neto Jorge Bezerra, ex-prefeito de Tangará.

Intrigante fazendeiro

Apesar de toda fortuna e de todo poder, o que o “Majó” Theodorico mais gostava era da sua fazenda Irapuru. Ao longo do tempo ele foi comprando as terras vizinhas e viveu grande parte de sua vida dedicada ao campo. Foi produtor e beneficiador do algodão.

Em suas terras os moradores não pagavam aluguel. Plantavam e colhiam. Cada morador possuía uma caderneta com os mandamentos da fazenda. Quem não seguisse suas regras não trabalhava lá. As regras impostas eram não tomar aguardente ou qualquer bebida alcoólica, acordar cedo para trabalhar, não falar da vida alheia, não andar armado, seja qual for a espécie de arma; proibido jogar baralho ou qualquer outro jogo, proibido criar seus filhos sem aprender a ler e a escrever, falar mal da vida alheia, inventar doença para não trabalhar.

Outro ponto alto na fazenda eram as festas e vaquejadas. Ele, a família e os moradores desfilavam para mostrar os gados, cavalos, todo rebanho. As mulheres desfilavam com os artesanatos. Político e criador de gado, chapeava o boi forte com PSD; e o boi magrinho pintava de UDN. A vaquejada era uma data marcante para a comunidade. Bem ao estilo 7 de setembro, data da Independência do Brasil. O “majó” se vestia de vaqueiro e

gostava de mostrar e valorizar seus moradores. O dinheiro que se apurava na vaquejada ele doava aos cegos de Santa Cruz.

Na fazenda também tinha um sistema de rádio e todos os domingos o “majó” se apossava do microfone para contar suas viagens internacionais, seu trabalho como deputado, seus encontros políticos, uma espécie de prestação de contas. No auge da produção de algodão, moravam 450 famílias na fazenda, cerca de três mil pessoas, e as famílias recebiam pela produção.

“Hoje já não se planta mais algodão na nossa fazenda. Plantamos feijão e possuímos gado. Com a morte de vovô, uma parte

da fazenda foi feita reforma agrária. Vendemos para o Incra 3,5 mil hectares. Quem já tocava a fazenda era papai e eu, o pessoal foi ficando, algumas pessoas saíram, outras não. Até hoje a memória de vovô é preservada pelos moradores. Têm netos de moradores que trabalham lá”, diz o neto Jorge Bezerra.

Na fazenda Irapuru toda casa continua preservada, o Castelo de Pedra também, que é uma atração à parte, porque o “majó” Theodorico colou fotos de mulheres sensuais na parede. “Pensamos em fazer um memorial, tudo é muito conservado. Quem sabe um dia”, espera Jorginho, como é mais conhecido o ex-prefeito.



Vida dedicada ao campo

Pitoresco

Foi na fazenda Irapuru que aconteceu um dos fatos mais inusitados na história de festas e repastos que marcaram o lugar. Para uma grande noite de recepção ao então influente ministro Mário Andreazza, “majó” Theodorico convidou importantes políticos, preparou pompas e circunstâncias, entre elas uma grande queima de fogos e banda de música para abrilhantar na hora exata em que o ministro adentrasse a fazenda.

Na hora aguardada, eis que surge um carro repleto de gente, a chegada do ministro é anunciada e, na primeira porteira, os fogos iluminaram o céu estrelado. Chegada à segunda porteira, com os fogos ainda pipocando, a banda de música, formada por homens, começou a tocar e o coral, formado por mulheres (todos da



Getúlio Soares e sua divertida visita à fazenda do Majó

própria fazenda) cantava “Qual cisne branco em noite de lua/Vai deslizando num lago azul/O meu navio também flutua...”. Quando os integrantes descem do carro, ecoaram gritos “para”, “para”, “para tudo”. Não era o ministro,

mas sim o badalado cabeleireiro Getúlio Soares, de Natal, acompanhado de uma animada turma de plumas e paetês.

Resultado: quando o ministro chegou, não tinha mais fogos para estourar.

Título de Majó

“Papai teve diversas fases na vida. Na época da sua juventude ele não era considerado major ou coronel, até hoje não sei por que chamavam ele de major. No interior, o fazendeiro que tem uma quantidade maior de terra ou é coronel, ou é major. Diziam que ele era major porque o tio-avô dele

já era coronel, que era Ezequiel de Souza, avô de Iberê (Ferreira de Souza, ex-governador) e bisavô do deputado estadual Ezequielzinho. Nunca tive a curiosidade de perguntar a ele por que major”, explica Kléber Bezerra.

Já a lenda reza que foi uma espécie de promoção, do cabo do

Exército para o major que comandou o sertão com dinamismo e traços fortes, que não fugia à luta e não media esforços para conquistar seus objetivos, sagrar-se vitorioso.

“Majó Theodorico” morreu no dia 4 de setembro de 1994, aos 93 anos. Partiu sem desfrutar do prestígio que o elevou ao posto de coronel.



Proprietários e construtoras enfrentam meses e até anos de espera para conseguir liberação do documento essencial à ocupação de imóveis. Em Natal, alguns prédios públicos nunca tiveram Habite-se, como o Palácio Felipe Camarão e o Hospital Walfredo Gurgel

Por Marina Gadelha

Fotos: João Neto e Francisco José Oliveira

Palácio Felipe
Camarão, sede da
Prefeitura do Natal



POR TRÁS DE UMA CONSTRUÇÃO ou reforma há muito mais que concreto, tinta e tijolos. Afinal, desde o início até a finalização de uma obra é preciso cumprir uma série de exigências cobradas por órgãos fiscalizadores para garantir a segurança não somente dos futuros habitantes do imóvel, mas também de quem vive em seu entorno. Entre os documentos essenciais a esse objetivo está o “Habite-se”, cuja liberação atesta que a obra foi fiel ao projeto aprovado pela prefeitura e, dessa forma, seguiu as normas da legislação municipal referentes ao meio ambiente e urbanismo. Somente com o Habite-se em mãos o imóvel pode ser habitado, ocupado ou utilizado. No entanto, a emissão do documento se torna um martírio para os interessados por causa da demora que, em alguns casos, arrasta-se por anos.

Quando se trata de imóveis antigos, o quadro fica ainda mais delicado, pois o Habite-se é relativamente novo e as edificações construídas antes dele não seguem as obrigatoriedades atuais. Essa é a realidade, por exemplo, do Palácio Felipe Camarão, sede do poder executivo municipal, que não possui o documento emitido pela própria prefeitura de Natal. O Hospital Monsenhor Walfredo Gurgel, o maior do Rio Grande do Norte, referência no atendimento de urgência pelo Sistema Único de Saúde (SUS), também não tem Habite-se e precisa apresentar um projeto de proteção contra incêndio para regularização no Corpo de Bombeiros e, posteriormente, na Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo (Semurb). Outros prédios importantes que passaram por vistoria dos bombeiros seguem a

mesma situação do hospital, como o Procon Ribeira, Palácio da Cultura, na Praça André de Albuquerque, assim como as unidades masculina e feminina da Casa do Estudante.

Presidente da comissão de Direito Imobiliário da Ordem dos Advogados do Brasil no RN (OAB), o advogado Alexandre Gadelha explica que essas e as demais construções anteriores ao Habite-se não estão isentas das novas exigências. As primeiras normas de proteção contra o incêndio nasceram na década de 1970, no Corpo de Bombeiros do RN, após dois grandes incêndios nos edifícios Andraus e Joelma, em São Paulo. O Habite-se em Natal, por sua vez, surgiu na década de 1980. “Os prédios antigos – comerciais e residenciais, públicos e privados – não estão excluídos da fiscalização, pois ficaram sujeitos ao Habite-se quando as leis entraram em vigor”, esclarece Alexandre.

Para tanto, as edificações já existentes que não têm qualquer documento podem partir do zero em busca da regularização. Assim faz a Rampa, antiga base de hidroaviões formada por um conjunto de imóveis construídos na capital entre as décadas de 1930 e 1940. O palco do encontro entre os presidentes Getúlio Vargas e Roosevelt durante a Segunda Guerra Mundial é bem antigo, mas está em processo de regularização na Semurb e já recebeu o alvará para a restauração que o deixará apto a receber o Habite-se. O mesmo acontece com outros bens tombados como patrimônios históricos da cidade, a exemplo da Biblioteca Câmara Cascudo, Cidade da Criança, Grande Hotel e Ordem dos Advogados do Brasil, que possuem alvará para intervenção em sua estrutura.

Em relação ao Palácio Felipe Camarão, o arquivo do Corpo de Bombeiros revela que não existe sequer solicitação de regularização do imóvel junto ao órgão. Nossa equipe entrou em contato com a Semurb para obter informações sobre a situação do prédio e possíveis ações para regularização. Após dias de espera, a secretaria nos encaminhou ao Gabinete Civil da prefeitura, onde recebemos a resposta de que o Palácio Felipe Camarão será um dos contemplados com obras de restauração previstas no PAC Cidades Históricas, do governo federal.

De volta à Semurb, parceira do projeto, fomos avisados de que o calendário com os prazos e mais detalhes sobre a reforma ficam por conta do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Procuramos a chefe da Divisão Técnica do órgão no Estado, Litany Eufrásio, na esperança de finalmente descobrir quando a edificação será restaurada, mas não houve retorno até o fechamento desta edição. Recorremos ao secretário de Meio Ambiente e Urbanismo, Marcelo Toscano, que, já no fechamento da edição, passou-nos os prazos de conhecimento da Semurb: o município tem até o dia 30 de julho para encaminhar ao



Prédio da OAB/RN

Iphan o termo de referência para aprovação do edital de projeto e execução, que deverá ser publicado em meados de agosto. Se tudo for executado dentro desse tempo, provavelmente em setembro começam as obras do imóvel onde o prefeito Carlos Eduardo Alves trabalha diariamente e que, por enquanto, permanece irregular.



Daniel Gleidson, tenente do Corpo de Bombeiros

Caminhos longos

A busca da regularização começa no Corpo de Bombeiros, responsável pelo primeiro habite-se: o Atestado de Vistoria do Corpo de Bombeiros – AVCB –, com a função de assegurar que a edificação foi vistoriada e se encontra de acordo com as normas de proteção contra incêndio e controle de pânico. Somente os imóveis unifamiliares não precisam dessa fiscalização, mas todos os outros, como os condomínios multifamiliares, empreendimentos comerciais e prédios públicos, devem apresentar o projeto ao Corpo de Bombeiros antes da construção. É esse o momento inicial da saga rumo à legalização, pois a aprovação demora uma média de 100 dias.

De acordo com o chefe da Sessão de Projetos e Pesquisas do Corpo de Bombeiros, tenente Daniel Gleidson, existe um critério de normas a serem obedecidas pelos engenheiros durante a criação de uma plan-

ta, como, por exemplo, a definição da distância entre extintores, a localização da iluminação de emergência e, para sistemas mais complexos, como de hidrantes e chuveiros automáticos, há cálculos específicos para dimensionar a bomba de pressão da água. “Nessa primeira fase, nós avaliamos se as medidas apresentadas estão corretas. Em caso de erros, emitimos um parecer que explica as alterações necessárias e devolvemos o projeto ao profissional para fazer as modificações. Após isso, aprovamos o documento no que concerne à proteção contra incêndio”, detalha o tenente.

A segunda etapa acontece ao final da obra, quando é realizada uma vistoria para conferir se o projeto foi executado adequadamente. Em caso de desconformidades, os bombeiros solicitam as correções e, somente depois de cumpridas todas as exigências, o Habite-se finalmente é liberado. Da solicitação de vistoria até o atendimento, a espera dura cerca de 40 dias, mas devido à Copa do Mundo esse tempo pode aumentar neste ano de 2014. Daniel Gleidson expõe que atualmente a corporação tem capacidade de atender às demandas que chegam a ela dentro dos prazos explicitados, mas o ideal seria fiscalizar as edificações ainda não regulares. Porém, não há efetivo suficiente.

“Quem procura o Corpo de Bombeiros geralmente precisa do nosso atestado por causa da fiscalização de outros órgãos. Os postos de combustíveis, por exemplo, são severamente inspecionados pela Agência Nacional do Petróleo e sempre buscam a renovação do Habite-se, que tem validade de um ano. Por outro lado, dificilmente recebemos pessoas preocupadas com a segurança do seu empreendimento que vêm espontaneamente em busca da regularização. Dessa forma, se houvesse mais bombeiros, poderíamos ir até esses estabelecimentos e realizar a vistoria para evitar desastres”, defende Gleidson.

A situação é alarmante, pois estima-se que 90% dos imóveis em Natal não possuem o Habite-se do Corpo de Bombeiros. Com o baixo efetivo, a tarefa de diminuir essa porcentagem é ainda mais complicada, pois são menos de 50 profissionais em todo o Estado

envolvidos no processo que vai desde o recebimento da documentação até a realização de vistorias e análises dos projetos. São 40 bombeiros para atender a Grande Natal, enquanto nos polos do interior – Caicó e Mossoró – existem menos de 10 pessoas trabalhando com a regularização de imóveis.

Das estratégias para promover algum tipo de controle sobre os estabelecimentos do Estado, o Corpo de Bombeiros realiza uma vez por ano a Fiscalização Preventiva Integrada (FPI), juntamente com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo (Semurb), o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do RN (Crea) e o Ministério Público Estadual (MPE). A cada ano é escolhido um tipo de edificação para vistoria, como as casas de shows, fiscalizadas em 2013 após o incêndio da boate Kiss, que matou 242 pessoas e feriu outras 116 na cidade de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul. Com as ações desencadeadas, foram vistoriados 54 locais em todo o Estado, dos quais 17 estabelecimentos e eventos temporários foram interditados e 33 notificados. As principais infrações registradas foram atraso na atualização do Habite-se.



Tenente Gleidson alerta sobre a importância da vistoria



Prédio do Grande Hoetel, na Ribeira, utilizado pela Justiça Estadual

Passos de tartaruga

O Atestado de Vistoria do Corpo de Bombeiros é apenas um dos documentos exigidos pela Prefeitura de Natal para a liberação do seu Habite-se, necessário para qualquer tipo de imóvel, sem exceções, em caso de construção ou sempre que existir alguma reforma. O documento emitido pela Semurb tem caráter urbanístico e edilício, em que são avaliados fatores como acessibilidade, áreas comuns, vagas de garagem e calçada. O alvará de construção é concedido se tudo estiver de acordo com o projeto apresentado. O Habite-se é complementado pela Licença de Operação, renovável a cada quatro anos, que tem cunho ambiental. É o meio em que os técnicos avaliam se o imóvel dispõe dos mecanismos necessários para a operação de equipamentos como estação de tratamento de esgoto, sistema de drenagem, arborização e isolamento acústico.

Secretário-adjunto de Licenciamento e Fiscalização da Semurb, Daniel Nicolau afirma que a liberação do Habite-se demora de 30 a 90 dias, mas existem

processos em tramitação há dois e até seis anos por falta de documentos ainda não entregues pelos interessados. “Muitos empreendimentos em Natal ainda não possuem o Habite-se porque as construtoras não vieram deixar a documentação complementar. São informações essenciais, cada uma com uma razão de existir, e se não dispormos delas somos impedidos de prosseguir com os processos”, explica.

Enquanto isso, quem precisa do Habite-se sofre com a morosidade para a liberação do documento sem o qual é impossível escriturar o imóvel em cartório e conseguir financiamento bancário. Essa é a situação da agente de viagens Aurilene Freire, moradora de um condomínio na Ribeira entregue em outubro de 2013 e que até hoje não possui o Habite-se da prefeitura. “Já tenho carta de crédito aprovada, mas preciso desse documento para realizar o financiamento. É muito injusto pagar R\$ 1.690,00 em parcelas fixas à construtora enquanto o valor no banco baixaria para R\$ 1.379,00 com parcelas decrescentes”, protesta.

O processo administrativo do empreendimento tramita na Semurb desde o dia 19 de junho do ano passado e, após um ano, ainda não foi concluído. Uma das razões para a demora foi a greve que paralisou as atividades do órgão durante cinco meses no segundo semestre de 2013, além da mudança de endereço em março deste ano. “Só nos pedem paciência. O processo ficou parado durante um bom tempo e quem sente as consequências são os moradores”, lamenta Aurilene.

Na verdade, o condomínio não deveria sequer ter sido entregue sem o Habite-se, conforme alerta o advogado Alexandre Gadelha. Como prova, ele cita o artigo 38 do Código de Obras da cidade, cujo texto diz que “o imóvel, qualquer que seja a sua destinação, só pode ser habitado, ocupado ou utilizado após a expedição da Certidão de Características e do Habite-se”. Mas o que o consumidor pode fazer se o empreendimento for entregue antes disso? Segundo Alexandre, o cliente não é obrigado a receber as chaves e muito menos pagar o condomínio. “A legislação prevê penalidades tanto para a construtora como também para o proprietário que aceita utilizar uma edificação sem Habite-se. Portanto, é preciso ter cuidado ao adquirir um empreendimento, seja ele residencial ou comercial”, esclarece o advogado.



Fachada da Cidade da Criança

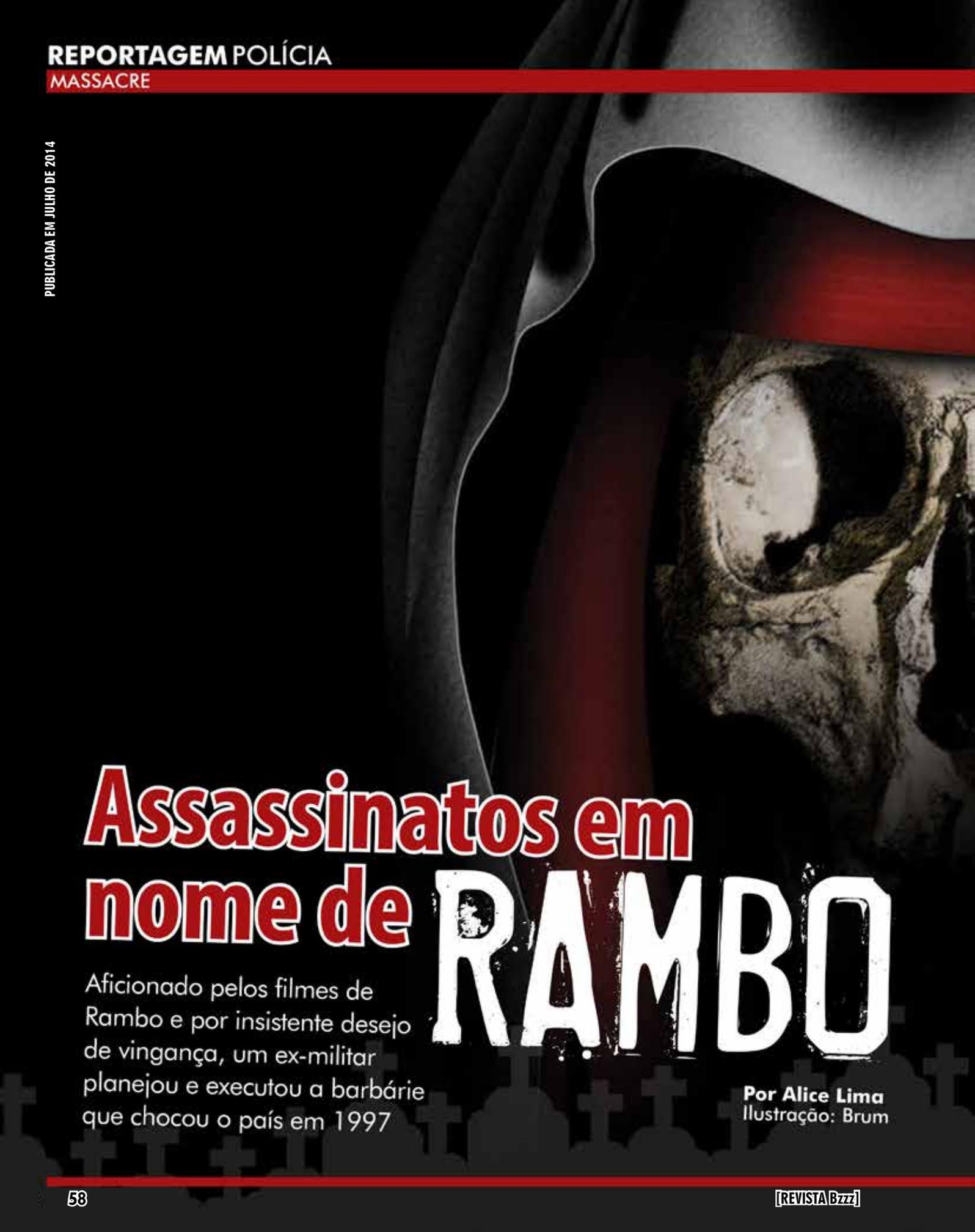


Advogado Alexandre Gadelha

Luz no fim do túnel

Há esperanças de que a aquisição do Habite-se seja mais ágil em breve. Isso porque o governo do Estado sinalizou a realização de concurso público para bombeiros até o mês de agosto. O processo para publicação do edital está em fase de tramitação e uma comissão cuida do trâmite. Atualmente, o efetivo conta com pouco mais de 650 bombeiros militares em todas as áreas, quando o ideal seriam 3.200 homens. A Semurb, por sua vez, irá implantar um sistema para modernizar o arquivamento de informações referentes aos lotes de terras da cidade, com todo o seu histórico de construções e documentações.

A ideia é informatizar o encaminhamento de documentos, carregados virtualmente pelo usuário, e assim diminuir a demanda de atendimento e evitar a perda ou o encaminhamento do processo físico para setores errados. O software, que integra o protocolo da Secretaria Municipal de Planejamento, Orçamento e Finanças (Sempla) com o sistema de fiscalização e georreferenciamento da Semurb, está instalado em todos os computadores e começará a ser utilizado após o treinamento dos servidores.



Assassinatos em nome de **RAMBO**

Aficionado pelos filmes de Rambo e por insistente desejo de vingança, um ex-militar planejou e executou a barbárie que chocou o país em 1997

Por Alice Lima
Ilustração: Brum

HISTÓRIAS DE ATIRADORES QUE invadem escolas, locais de trabalho, e matam colegas, chefes ou professores tornaram-se até comuns nos tempos modernos, embora mais restritas aos Estados Unidos da América. Porém, ainda em 1997, na cidade de São Gonçalo do Amarante, no Rio Grande do Norte, um caso com traços cinematográficos chocou o país. Em um dia de fúria, o ex-militar Genildo Ferreira de França, então com 27 anos, resolveu dar vida real ao então famoso e violento personagem Rambo (dos filmes interpretados pelo ator Sylvester Stallone na década de 1990) e, motivado pelo sentimento de vingança, promoveu um roteiro de barbárie. Matou 14 pessoas de uma lista preparada maquiavelmente.

Os problemas surgiram dois anos antes, quando Genildo França perdeu um filho de dois anos, vítima de atropelamento. A partir daí, os planos de vingança o dominaram e os motivos para querer a morte das pessoas que o contrariavam cresceram assustado-

A notícia

Para Jota Gomes, o dia 22 de maio de 1997 faria parte de suas sonhadas férias. A programação era ir a Fortaleza, capital do Ceará, para o passeio programado. Enquanto organizava a mala, surgiram as primeiras notícias por telefone. “Ligaram da redação da TV perguntando se eu estava em Natal. Achei estranho, pois todos sabiam das minhas férias e havia outras. Falaram que era um fato fora do comum, acontecimento internacional. Só não imaginei na hora quão incomum de fato era”, recordou o repórter. Exatamente na hora do contato, a terceira vítima era assassinada. Foi quando ele resolveu desistir da capital cearense.

Ao chegou na emissora, duas equipes de reportagem, lideradas pelos repórteres Inaldo Farias e Ubaldo Batista, preparavam-se para as matérias. Naquele momento, Gomes soube que a presença dele era um pedido do atirador, que espalhou pela cidade sua vontade de que o famoso repórter les-

ramente. Entre as suposições nunca comprovadas, o envolvimento com drogas, o fascínio por armas de fogo e relações homossexuais eram questões que o perturbavam. Na noite do dia 21 de maio, ele iniciou sua missão de serial killer. Saiu de casa usando botas de cano longo, bermuda, colete com estampa de camuflagem, armas e munições, e cometeu as matanças. Só parou na manhã do dia 22, quando foi morto durante um confronto com a polícia, e levou o pequeno distrito de Santo Antônio dos Barreiros ao conhecimento do mundo.

As cenas inacreditáveis para uma pacata cidade viraram o documentário Sangue de Barro, exibido pela TV Brasil. Entre as características curiosas dessa história está a fixação do assassino por ser compreendido e ganhar fama, por meio de uma carta deixada para o repórter policial local Jota Gomes, uma celebridade à época, do programa Patrulha Policial, na TV Ponta Negra, afiliada ao SBT no Estado.



Repórter Jota Gomes, na marca da exclusividade

se sua carta de explicações em rede nacional. Mais vítimas morriam, mas ainda pouco se sabia sobre motivações e a autoria era indefinida. Pela agilidade dos acontecimentos, a suspeita inicial era de que fosse um grupo com vários atiradores e não apenas um assassino sanguinário.

O mundo das pessoas não poucas vezes, não é pra justificar o erro que eu fiz, mas só assim eu conseguirei provar pra todo mundo, e é a desafio pra qualquer um que queira provar que eu sou humano, não eu era, nem vou ser por esse comentário que eu fiz que aconteceu toda essa desgraça, eu não me sinto uma pessoa normal, depois desse falso que levantaram contra minha pessoa.

Aqui eu escrevo minhas palavras finais, poderiam dizer que eu fiquei louco mais não me assino, eu recomendo a alma de todos para Deus. E espero que Deus me perdoe por este ato que eu fiz, mais era minha única solução. Eu espero que isto esteja

[Assinatura]



ITE

deixa eu falar para J. Gomes para que ele divulgue para o Público, e que aconselhe a todos a não levantar falsas do seu próximo.

Para aqui porque não tenho mais condições.

Para todos desejo uma vida de dignidade a qual eu não tive.

Eu passo até não vingasse a morte do meu filho se não tiver condições.

Toda difícil viver não aceit na solidade pelo simples cabota que me levantaram sem falso mais agora está morto.

Eu imploro perdão de todos que tentaram me compreender, eu não fiz isto por prazer fiz forçado.

[Assinatura]



O reforço da polícia chegou à tarde. “Lembro que me integrei às equipes jornalísticas para acompanhar, não fiz as matérias do dia. Quando chegamos à cidade, já falavam em um psicopata matador profissional. O clima era de suspense, exatamente como um filme”, relembra Jota Gomes. Aos poucos, a identidade do autor das cenas ainda confusas começou a virar certeza. Logo descobriram que ele foi soldado do Exército, considerado um excelente atirador e adorador de armas de fogo.

De repórter, Jota Gomes passou a ser o entrevistado, procurado por veículos de todo país, por telefone. Em questão de horas, o mundo se voltou para o pequeno distrito, com presenças, inclusive, de representantes do Judiciário e das Forças Armadas. No céu, helicópteros reforçaram as buscas pelo assassino em série.

Jota Gomes ficou até o desfecho da história, com a carta entregue e lida. Para ele, é uma das lembranças mais marcantes da vida profissional. Até hoje, uma cópia está guardada em sua casa e, a original, faz parte das provas recolhidas pelo Instituto Técnico de Polícia do Estado (Itep/RN).

Ainda continuando disse um aparte abraço e um beijo pra toda minha família, e pra toda minha família não embos a religião, mas que todos se reúnam e construam uma verdadeira corrente de oração para que Deus tome conta de minha alma.

ADEUS
PARA TODOS

[Assinatura]

Benevolentes



ITE



Velório comunitário aconteceu no ginásio da cidade

Tragédia calculada

A mudança de comportamento de Genildo começou com a morte do filho de dois anos de idade, que brincava na rua quando, inesperadamente, atravessou a rua correndo no momento em que passava um carro. Desavisado, o motorista o atropelou e a criança não resistiu aos ferimentos. A dor pela perda foi transformada em ódio e vingança. Os instintos assassinos do comerciante até então pacífico foram despertados.

William Dantas Nobre Júnior, casado com a irmã

do serial killer, lembra cada detalhe do período. “Ele era uma pessoa muito querida antes de perder o filho. Depois, não dava mais para reconhecer”, lembra. Após a morte do filho, o primeiro problema surgiu no momento de dividir a indenização do seguro de vida. A mãe da criança, primeira esposa de Genildo, saiu da cidade com as duas partes. Ele, então, ameaçou-a. Falou que ela deveria voltar para casa, devolver e o dinheiro que o pertencia, caso contrário, morreria.

Com ideias perigosas na cabeça, comprou duas armas e um caixão e pediu que a funerária realizasse a entrega à meia-noite. O fato chegou ao conhecimento da polícia, que o deixou detido por pouco tempo. Ideias confusas começaram a ser ditas sempre por ele, como a admiração pela novela *A Viagem*, exibida pela Rede Globo, e os filmes de Rambo. Existia o pensamento de unir as duas criações da ficção em um roteiro da vida real.

O cunhado, Júnior, chegou a montar um bar para Genildo administrar. A casa em ele que mora hoje com

a família pertencia ao assassino. Foi comprada, à época, por R\$ 5.000,00. E foi o imóvel que começou a gerar problemas graves entre os dois e levá-lo a ser um dos principais integrantes da lista de vítimas. A pedido da esposa, Júnior não quitou o valor combinado, pois existia a preocupação de que tudo fosse gasto para comprar drogas. A dívida gerou ameaças de morte e o ódio do atirador, que enviou cartas onde simbolizava que toda a família – composta por Júnior, a esposa e dois filhos (a menina de seis meses e o menino de dois anos) – seria assassinada por ele.

Foto: Canindé Soares



Vista aérea de São Gonçalo do Amarante

0 dia de fúria

Também chamado de “Neginho de Zé Ferreira”, então com 27 anos, no dia da matança, saiu de casa paramentado como se Rambo fosse, carregando no peito uma faca de caça e cartucheiras, além de uma pistola 7,65 mm e um revólver calibre 38, com silenciador, em uma bolsa de náilon.

Não há consenso em relação ao número de

vítimas, pois, por mais curioso que pareça, o caso não virou inquérito policial. O delegado responsável foi Sérgio Leocádio, que respondia pela região. Segundo as memórias da família de Genildo, a primeira vítima foi o amante da segunda esposa, Mônica França, de quem levou o carro para ajudar nas mortes que estavam por vir.

Os pais de Mônica, assim como os da primeira mulher, também foram assassinados. As duas mulheres também. Quando procurou o cunhado Júnior para matá-lo, encontrou outros da lista no caminho, um tio e um colega. Ambos tinham dívidas financeiras com o algoz e pagaram com a vida.

Mônica queria se divorciar do marido soba a justificava de que ele era homossexual. Chateado com o boato, o atirador também matou aquele que diziam ser o seu amante. Um rapaz mudo, que fazia gestos obscenos quando Genildo passava, também foi vítima da ira.

Quando chegou à casa de Júnior para tentar matá-lo outra vez, foi abordado por policiais. Ele matou um policial, feriu outros dois, pegou a arma de um deles e continuou com os assassinatos. Levou duas pessoas como reféns: a filha Nayara e outra mulher.

Até hoje não se sabe se Genildo foi morto pelos tiros da polícia ou suicidou-se. As reféns escaparam. Os próprios pais do assassino foram ameaçados e o ouviram dizer: “Papai e mamãe, me perdoem, mas acho que vou matar para vocês não sofrerem porque o que eu fiz não tem volta”.

O carro que pegou do primeiro assassinado foi a pista inicial que o identificou com assassino, pois abasteceu três vezes no mesmo posto. Um conhecido da vítima estranhou que Genildo estivesse no veículo e foi até à delegacia prestar queixa, o que deu início às buscas que duraram quase 24 horas e terminaram com 14 mortos, de uma lista com 20 nomes. O homem que, acidentalmente, atropelou a criança anos antes, estava na lista, mas não foi morto por um golpe de sorte do destino. De última hora, resolveu não voltar para casa naquele dia.

Revolta eterna

Júnior foi quem cuidou do sepultamento do Rambo da vida real. Não foi possível enterrá-lo em São Gonçalo, pois a população queria queimar o corpo e estava revoltada, também, com a família. Por isso, os restos mortais estão no cemitério público do Bom Pastor II, em Natal.

Apesar da fama de homossexual, Genildo França teve dez filhos. Um deles é criado pela tia. Segundo Júnior, são todos tranquilos e não têm comportamento agressivo. Sobre o assunto, a família optou pelo silêncio e procura levar uma vida dentro da normalidade.

Sangue de Barro

Após a vida imitar as cenas das telas de cinema, a arte imitou a vida. O massacre foi retratado no documentário “Sangue de Barro”, contemplado pelo edital Doc TV 4 - 2008 da TV Brasil. O tema da seleção foi “Quando a realidade parece ficção é hora de fazer documentários”, sob a direção de Fábio de Silva e Mary Land Brito.

Divulgação



Bastidores do filme Sangue de Barro.



GINGA COM TAPIOCA

O PRATO TÍPICO DE NATAL

Combinação deliciosa criada por pescadores que aproveitavam os peixes miúdos presos na rede de arrasto que não serviam para comercialização

Por Tiana Costa

Fotos: Francisco José de Oliveira

FÁCIL DE PREPARAR, BONITO de ver e impossível não degustar. A “Gíngua com tapioca” é um prato genuinamente natalense, patrimônio cultural do Estado e um verdadeiro convite ao pecado da gula. Dez entre dez norte-rio-grandenses apreciam a iguaria que vem conquistando o paladar de turistas brasileiros e estrangeiros durante décadas.

O Mercado Público da Redinha, praia do litoral norte de Natal, é o ponto tradicional da gíngua com tapioca. Lá encontramos dona Ivanize Januário Barbosa, 66 anos, comerciante do mercado há 40 anos. Nessas quatro décadas, a nativa da praia da Redinha prepara com amor e dedicação o prato que, segundo ela, foi criado pelos pais há mais de 50 anos.

“A ginga com tapioca tem grande significado na minha vida. É uma tradição na minha família, vinda de meu pai, minha mãe, que foram um dos primeiros que inventaram esse prato. É uma tradição que a gente não pode deixar se perder. Faço com maior prazer, faço com amor”, discorre a cozinheira.

Peixe miúdo, a Ginga é semelhante à Manjubinha, pescado na praia da Redinha por nativos. “Mas ela chega até a gente por meio de atravessadores”, explica Ivanize. “Em dezembro, comprei a R\$ 10,00 o quilo, do jeito que chegou. A gente ainda paga ao pessoal para tratar o peixe”.

Apesar de toda tradição e importância que a combinação deliciosa tem para a história da cidade, os comerciantes lamentam que poucos turistas aparecem para apreciar a iguaria com uma cerveja bem gelada, desfrutando do lindo visual da praia. “O bugueiro (condutor do carro de passeio bugue) não traz o turista para o Mercado da Redinha. O turista não tem conhecimento sobre a existência da ginga com tapioca, eles não sabem que a tradição se concentra aqui. Os bugueiros não falam, nem passam por aqui. Mas quando alguém traz um turista aqui, eles ficam loucos”, relata Ivanize.

Informa que o turista que aparece tomou conhecimento pela internet, por indicação ou é levado por moradores da cidade. “Grande parte da minha clientela é formada pelo pessoal aqui da Redinha. O turista quando aparece é trazido por pessoas de Natal. E até hoje só recebi elogios”.

Ivanize conta orgulhosa sobre a matéria publicada na revista *Veja* que elegeu sua harmonização da ginga com tapioca a melhor do mercado. “A repórter de São Paulo que veio aqui fazer a matéria me ligou e disse que vai mandar uma placa pra mim, pois a minha tapioca foi eleita a melhor”.



No Mercado da Redinha, consome-se peixe sempre fresco

Ginga e tapioca com coco do Seu Pernambuco

Outro ponto famoso para saborear a ginga com tapioca é a barraca do Seu Pernambuco, no Canto do Mangue, bairro das Rocas, em Natal. Aos 87 anos, Edson Ferreira Machado, natural de Goiana, Pernambuco, escolheu Natal como sua cidade e há 55 anos comercializa o peixe em um quiosque no centro da praça. Antes, dono de um barco, teve a pesca como atividade principal.

Ao contrário dos comerciantes do Mercado da Redinha, o quiosque de seu Pernambuco recebe muitos turistas e pessoas da cidade. “O povo vê na internet e vem bater aqui. É tanta gente que às vezes não dou vencimento”, conta. No quiosque, o cliente tem o privilégio de degustar a iguaria e apreciar um dos mais belos pores-dosol da cidade de frente para o belo Rio Potengi.



Seu Pernambuco: desenvoltura também na cozinha



Vida longa e viril unicamente com peixe e tapioca

Apesar da idade avançada, Seu Pernambuco se orgulha de dizer que nunca fecha seu quiosque e praticamente trabalha sozinho. “Acordo às quatro horas da manhã, me levanto e chego aqui às 6h. Fico até às 8, 9 horas da noite. Faço tudo sozinho”. E qual a receita para tanta vitalidade? Responde sem pestanejar: “Não como carne, não como galeto. Só como peixe com tapioca. Mais de 50 anos que só como isso. A tapioca tem o suco da mandioca e o peixe é rico em tudo”, diz com a sabedoria adquirida na experiência de vida. E garante que a virilidade nunca o abandonou. É pai de um menino de nove anos do atual casamento.





Estátua do Pescador, símbolo da praia da Redinha

Curiosidade

O valor nutritivo da ginga com tapioca foi alvo de estudo do Departamento de Nutrição da UFRN. De acordo com a pesquisa, a iguaria é rica em proteínas e carboidratos. Mas, alerta, deve ser apreciada com moderação, pois é alto o seu valor calórico, entre 500 a 600 calorias.

Passo-a-passo:

Depois de tratada, a ginga deve ser bem lavada e tempera com sal a gosto. O palito de palha de coqueiro devidamente limpo serve de espeto.

Coloca o dendê na assadeira, quando ferver, passa os peixinhos espetados na farinha de mandioca e coloca para fritar.

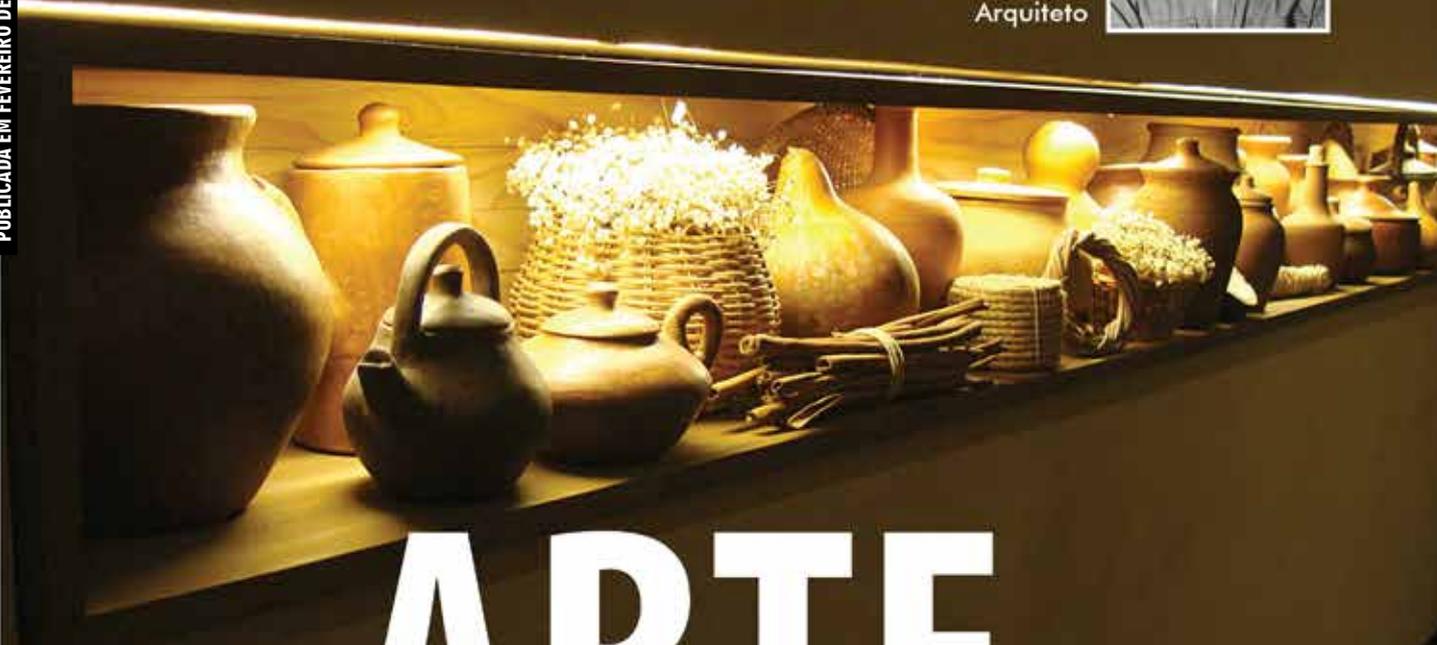
A tapioca não tem segredo: sal na goma peneirada, leva à assadeira e recheia com o coco ralado.





Wellington Fernandes
Arquiteto

PUBLICADA EM FEVEREIRO DE 2014



ARTE DA TERRA

Peças de artesanato misturam elementos naturais e valorizam decorações

O TRABALHO MANUAL imprime personalidade aos objetos e conquista cada vez mais espaço e importância, sobretudo para o turismo. A tendência é encontrar peças artesanais na valorização de ambientes, tanto de maneira estética como cultural. Os pontos turísticos, com suas histórias e elementos arquitetônicos ou naturais, estão sempre acompanhados de espaços

de venda de objetos feitos por pessoas da região e vendidos como lembrança da nossa cidade ou Estado.

O Rio Grande do Norte tem artistas que desenvolvem trabalhos que chamam a atenção pelo valor estético. Há desde chaveirinhos e quadros às cerâmicas e também esculturas (grandes painéis) elaborados com objetos rústicos. São elementos brutos como a pedra, o

barro e a madeira, transformados nas mais belas peças de arte.

O artista plástico Aldo Soares é um dos nomes de destaque do Rio Grande do Norte. O seu trabalho tem alcançado grande projeção, que vai desde potiguares a turistas de toda parte do mundo, arquitetos e decoradores, que usam suas peças para enriquecer ambientes.

Como exemplo, os trabalhos feitos para os restaurantes da rede Camarões, do Midway e o de Ponta Negra, além do regional restaurante Matulão. O trabalho mais recente, ainda em construção, no qual usa elementos de barro e madeira, está sendo montado para o motel Roma Praia. Ao entrar, o cliente irá se deparar com um painel rústico, com elementos regionais e iluminação indireta e expressiva.



Artista Aldo Soares mistura materiais regionais para criar peças que conquistam de potiguares a estrangeiros



As peças do artista vão desde quadros decorativos em madeira, montados e pintados com elementos de reaproveitamento, às peças recolhidas 100% do que são descartados e outros aproveitados de marcenaria, que teriam um destino sem uso.

Artista multifacetado, Aldo Soares também trabalha a pintura em cerâmica. Algumas peças deixam à mostra o barro na sua forma mais natural, caixas em madeiras garimpadas e quadros em cenas típicas do interior do RN.

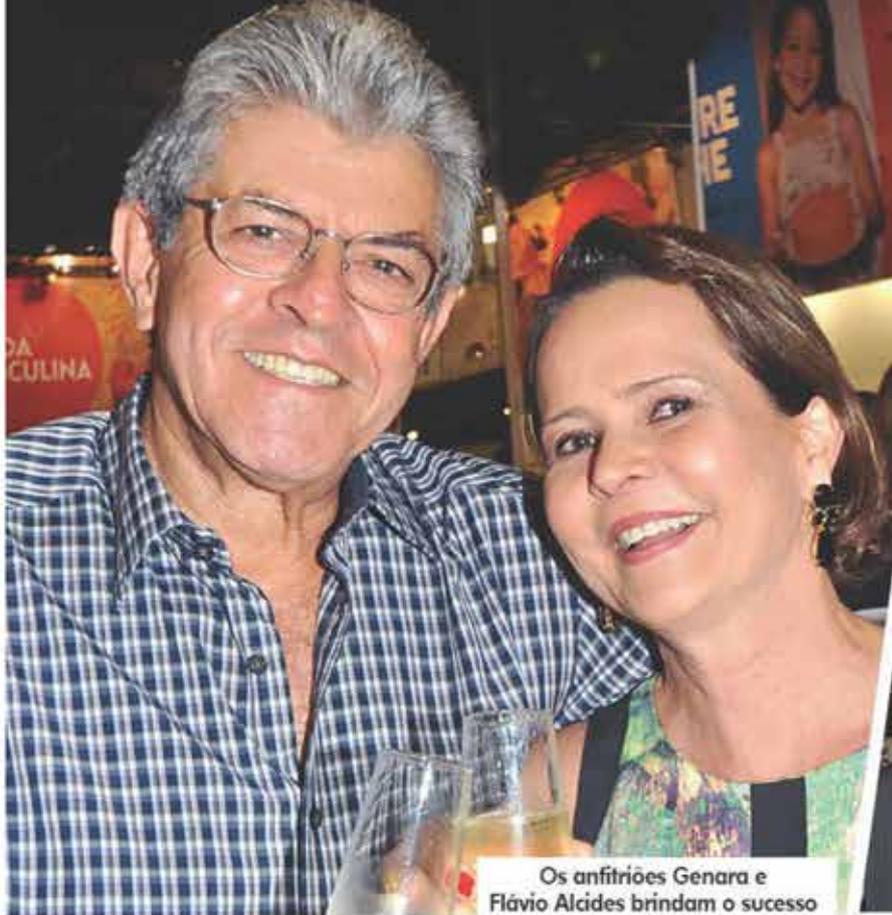
Sem dúvida, as peças artesanais representam uma lembrança viva, um objeto pessoal, pensado com mais carinho. É a história de um momento ou sentimento eternizada, ou, muitas vezes, a materialização de uma expressão cultural.



TRADIÇÃO

Fotos: João Neto

A Rio Center reabriu suas portas no Natal Shopping em cerimônia aberta ao público, sob as bênçãos de padre Zé Mário e presença de toda a família Araújo. O projeto arquitetônico é assinado pelo arquiteto Sérgio Lousada e marca o início da 3ª geração que administra a empresa.



Os anfitriões Genara e Flávio Alcides brindam o sucesso



Pe. José Mario e João Dantas



Lorena, Daniel, Leticia e Valentina



Guiomar Araújo reinaugura a Rio Center



Noelia, Naama e Rosa Dumaresq



Ésio Costa e Michelle



Os irmãos Bruno, Flavia e Mariana Alcides

TÚNEL DO TEMPO

Thiago Cavalcanti

Fotos: Arquivo pessoal

No dia 13 de julho 2000, Maria Luiza Pacheco Dias, carinhosamente chamada de Maninha, celebrou idade nova, reunindo amigas em ocasião cheia de amizade e bem querer. A sessão parabéns ocorreu nos salões do Ocean Palace Hotel, com direito a DJ. As palavras de ordem da grande noite eram descontração e alegria.



Tânia Dal Santos, Nelma Rocha, Maninha Dias, Marizinha Gurgel e Marisa Motta



Tereza Tinoco e Yasha Barros



Magda Patriota e Violeta Araújo



A aniversariante Maninha e a filha Lorena



Saudosa Zélia Mariz



Maria Lúcia Azevedo, Thuísa Flor e Pérola Maia



Mais de 200 revistas por apenas
R\$ 22,90/mês.



GoRead oferece acesso ilimitado a revistas de todos os segmentos. Você pode ler no seu smartphone ou tablet, ou baixar para ler quando quiser, mesmo offline.

GoRead. As melhores revistas em um único app.

EXPERIMENTE
30 DIAS GRÁTIS

Accesse goread.com.br
ou baixe o aplicativo.



**JOÃO MAIA**

Deputado Federal (PL – RN) é Presidente da Comissão Especial de PPPS e Concessões, Presidente da Comissão de Defesa do Consumidor e autor do PL 2358/2020

Tributar no Brasil

empresas que lucram aqui

O DESAFIO DE APLICAR A ISONOMIA TRIBUTÁRIA ENTRE SETORES DA ECONOMIA

A tributação dos lucros das grandes empresas globais de tecnologia tem estado no centro dos debates na Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) nos últimos anos, pois seus modelos de negócios permitem que atuem em um país sem nele ter qualquer presença física, ou, mesmo onde se estabeleçam, que desloquem seus lucros para Países em que sejam tributados por alíquotas efetivas muito baixas, em outros Países.

A OCDE informou recentemente que a atualização das regras globais de tributação, coibindo o deslocamento de lucros para outros Países, poderia aumentar a arrecadação tributária ao redor do mundo em aproximadamente 100 bilhões de dólares. A Organização recebeu mandato do G 20, em 2018, para estabelecer uma solução consensual para tributação destas empresas até o final de 2020, para isto reuniu 137 países, entre eles o Brasil.

Caso não seja possível um acordo global a OCDE orientou os Países na adoção de um imposto de renda retido na fonte sobre os pagamentos feitos às grandes empresas globais de internet, ou de um novo imposto sobre a receita bruta destas empresas. Países como a França, Reino Unido, Itália e Espanha, informaram que farão a tributação das receitas brutas destas empresas em suas jurisdições em 2020, se não houver um acordo global.

Nesse contexto mundial, pensamos que o Brasil não pode ficar fora desse movimento. Por isso, apresentamos um o Projeto de Lei 2358/2020, propondo a criação de um tributo sobre a receita bruta das grandes empresas globais de internet, buscando seguir as orientações da OCDE e garantir a compatibilidade com as regras internacionais.

Analisando as figuras tributárias legais disponíveis no Brasil, concluímos que a mais adaptada para este propósito seria a Contribuição de Intervenção no

Domínio Econômico (CIDE). A CIDE-Digital incidirá somente sobre as empresas de internet que são grandes em escala nacional e internacional. Só serão contribuintes as empresas que fazem parte de grupos econômicos que auferiram, no ano anterior, receitas brutas globais anuais superiores ao equivalente a R\$ 3 bilhões e, ao mesmo tempo, que ultrapassaram R\$ 100 milhões de receita bruta no Brasil.

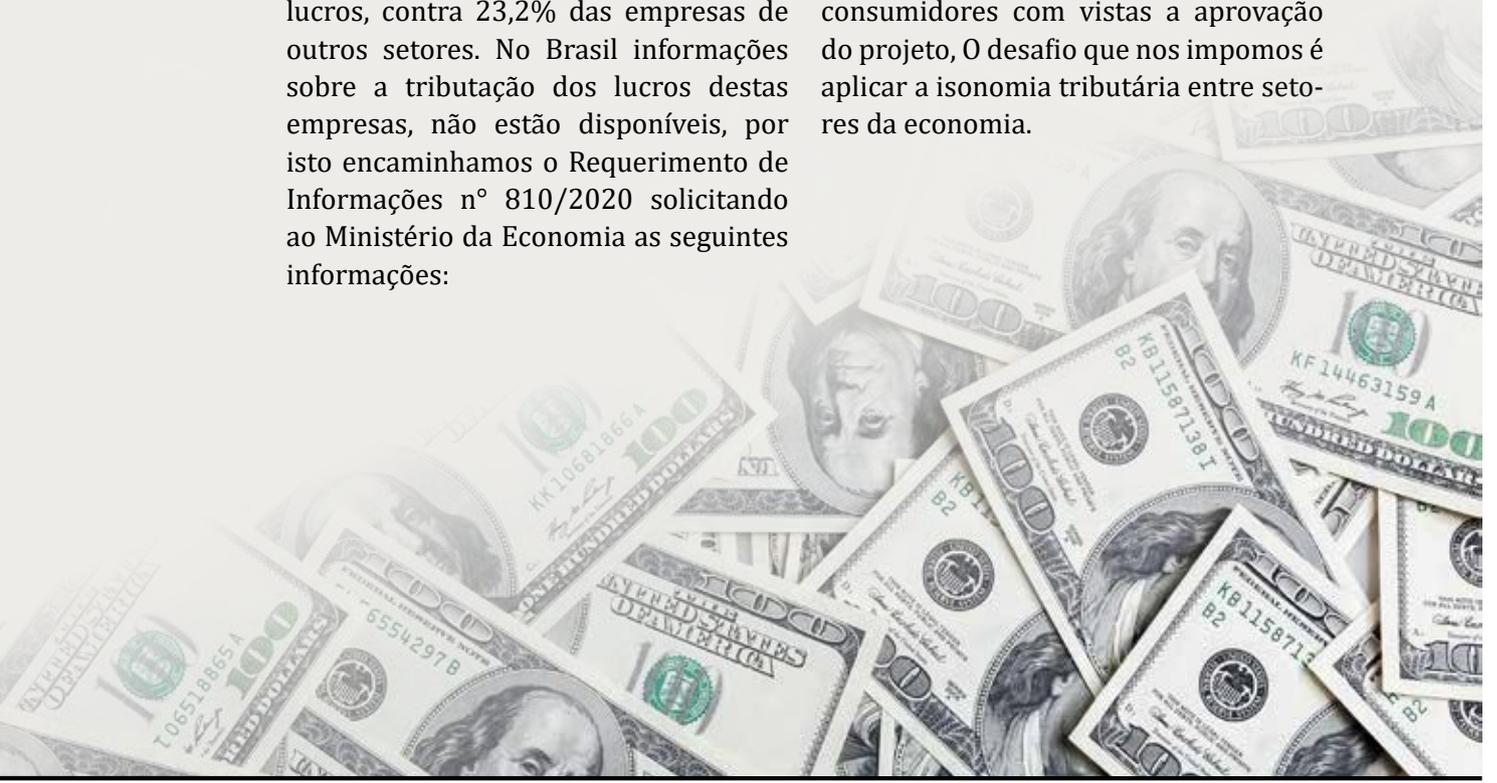
Os fatos geradores da CIDE-Digital são: a venda de publicidade digital, a intermediação pela venda de bens e serviços em plataformas digitais e a venda de dados dos usuários. Ela é progressiva com alíquotas que variam de acordo com a receita bruta no Brasil: 1% (até R\$ 150 milhões), 3% (entre R\$ 150 a 300 milhões), e 5% (acima de 300 milhões).

Na União Europeia reportou que as empresas globais de internet pagam em média 9,5% de imposto sobre seus lucros, contra 23,2% das empresas de outros setores. No Brasil informações sobre a tributação dos lucros destas empresas, não estão disponíveis, por isto encaminhamos o Requerimento de Informações nº 810/2020 solicitando ao Ministério da Economia as seguintes informações:

- Percentual médio da tributação dos lucros no Brasil das empresas globais de internet;
- Percentual médio da tributação de lucros das empresas brasileiras de outros setores da economia;
- Percentual médio da tributação incidente sobre as remessas ao exterior das empresas globais de internet.

É importante lembrar que as empresas globais de internet, alcançadas pelo nosso projeto, tem valor de mercado superior a US\$ 4 Trilhões, quase o dobro do PIB do Brasil.

Estaremos atentos durante o processo de tramitação do PL 2358/2020 na Câmara dos Deputados e no Senado, prestando informações e dialogando com: Parlamentares, Governo Federal, empresários, tributaristas, associações representativas da sociedade civil e de consumidores com vistas a aprovação do projeto, O desafio que nos impomos é aplicar a isonomia tributária entre setores da economia.



LIGAÇÃO É COISA DO PASSADO!



Peça sua água mineral e
PAGUE DIRETO PELO APP!

DISPONÍVEL NAS PLATAFORMAS:

